



Ilustração por Bruno Gomes, livro "Lendas Indígenas"

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANA LUCIA DE CASTRO OLIVEIRA

**APRENDENDO COM OS GUARANIS A RESISTIR
E SONHAR COM TERRAS LIVRES**

**Sorocaba - SP
2020**

Ana Lucia de Castro Oliveira

**APRENDENDO COM OS GUARANIS A RESISTIR
E SONHAR COM TERRAS LIVRES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação campus Sorocaba para obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação, Comunidades e Movimentos Sociais.

Orientação: Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira

Co-orientação: Prof. Dr. Julio Moraes

Financiamento: Capes

Sorocaba - SP
2020

Oliveira, Ana Lucia de Castro

Aprendendo com os Guaranis a resistir e sonhar com terras livres / Ana Lucia de Castro Oliveira. -- 2020.

102 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Dulcinéia de Fátima Ferreira

Banca examinadora: Prof. Dra. Viviane Mendonça de Melo, Prof. Dra. Alik Wunder

Bibliografia

1. Guarani. 2. Teko Porã. 3. Ecologia de saberes. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

Agradeço,

A licença concedida pelos antepassados para realizar esse trabalho. Agradeço imensamente ao povo Guarani pela oportunidade de resgatar a memória cósmica em meu ser dessa sabedoria ancestral. Por toda luta e resistência ao carregarem sentidos de teko porã, o esperar desse povo que nos é inspiração. O acolhimento e as belas palavras partilhadas nesse trabalho.

A Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento da pesquisa, o que possibilitou o mergulho e a experiência dessa pesquisa.

A minha família, especialmente, por sempre terem acreditado em mim, em meus sonhos, por me incentivarem e me concederem acolhimento, força e condições para sempre seguir em frente. Minhas tias Edna e Neusa, por toda garra de mulheres fortes que são, me dando apoio incondicional a todo momento.

A minha amada avó dadá, pelo amor, ternura e suas rezas perseverantes para que o bem prevaleça sempre em minha caminhada. Dedico a senhora todo o meu amor eternamente.

A meu pai e minha mãe por me ensinarem a ser forte, a saber que nunca estou sozinha, a me auto superar e sobre a virtude da compaixão. Ao meu irmão Lucas e minha irmã Ana Clara por serem porto seguro onde sempre que necessário sei que posso encontrar morada.

A querida Dulce por me apresentar esse belo caminhar que é o de acreditar em outro mundo possível, a me ensinar com ternura através do exemplo que é o amor que move o ser professor a despertar corações e mentes para os processos de emancipação e busca pela liberdade. Agradeço o olhar sincero, o cuidado nesses anos de trabalho conjunto e a marca belíssima e inspiradora que você registrou em minha alma.

A você professor Júlio, que assim como os guaranis foi um presente em minha jornada. Aprendi com seu gesto e olhar a generosidade de um coração comprometido com a Terra, com cura de Pachamama e principalmente com a luta junto aos povos originários de Abya Yala. Seu exemplo me inspira a seguir por essa trilha somando forças e sonhando com terras livres.

A você Vivi, por inspirar com afeto e rebeldia a resgatarmos nossas memórias matrilineares, a trazer para superfície a força, paixão e coragem necessárias para

enfrentarmos nossas tarefas históricas enquanto mulheres. Agradeço o olhar acolhedor e generoso e as palavras que como flecha atravessaram minha existência desde a graduação, ter você acompanhando esse processo é uma honra, não tinha como ser diferente.

A minhas amadas amigas-irmãs, tecelãs de uma bela confraria de mulheres: Duda, Daia, Sandra, Manu, Tamires, Priscila e Simone, sem vocês me inspirando coragem e a confiar no processo essa dissertação não seria possível. Tem muito de nossas partilhas aqui.

A Brenda, Juliana, Valentina e Fhabiene, minhas amigas-irmãs de muitas vidas, vocês são bálsamo nos momentos mais difíceis. Admiro cada uma profundamente e agradeço imensamente por sempre se colocarem disponíveis a acolher, meu coração sempre estará com vocês.

Agradeço à Rainha da Floresta, ao Divino Espírito Santo, Mestre Irineu Raimundo Serra e ao padrinho Sebastião e a doutrina do Santo Daime pela guiaça do meu espírito nesse tempo, por me permitir lembrar de minha estrela no firmamento, da minha memória cósmica e missão nessa Terra.

Aguyjevete

OLIVEIRA, Ana Lucia C. **Aprendendo com os guaranis a resistir e sonhar com terras livres**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Ciências Humanas e Educação. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa tratou de construir diálogo e aproximações com a cosmovisão Guarani. Contou com financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em seu desenvolvimento, que possibilitou o percurso da pesquisa. Buscou-se compreender os caminhos da crise civilizatória que atravessamos, os desdobramentos, problemáticas e portas de saída para outros modos de viver. Através da construção de diálogo intercultural, identificou que a cosmovisão do povo Guarani é uma fonte de inspiração naquilo que concebem por resistência ao cultivar seus costumes – sua cultura em seu território existencial – no *Tekoha* há milhares de anos. Podemos afirmar que os caminhos e estratégias do povo Guarani, na criação de um vir a ser direcionado para preservar a vida, indicando uma micropolítica ativa como bússola ética dá sentido por onde caminhar, afirma o *Teko Porã* – a bela vida, ao admirar a criação de *Nhanderu*, sonhando com *Yvy Rupa* – Terra uma só, terras livres podem nos ajudar a reafirmar utopias e a reinventar o modelo civilizacional em crise, a potência do encontro e do que podemos aprender com os povos originários nos indicou a relevância da sabedoria compartilhada por esses povos e a urgência de emergir esses saberes na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Guarani, teko porã, ecologia de saberes.

ABSTRACT

This research tried to build dialogue and approximations with the Guarani worldview. It was financed by CAPES during its development, which made the research possible. It sought to understand the paths of the civilization crisis that we are going through, the unfolding, the problems and the way out to other ways of living. Through the construction of intercultural dialogue, it identified that the worldview of the Guarani people is a source of inspiration in what they conceive of resistance when cultivating their customs - their culture in their existential territory - at Tekoha for thousands of years. We can affirm that the paths and strategies of the Guarani people, in the creation of a coming to be directed to preserve life, indicating an active micropolitics as an ethical compass that gives meaning on where to go, alleges Teko Porã - the beautiful life, admiring the creation of Nhanderu, dreaming of Yvy Rupa- Earth as one, free lands can help us to reaffirm utopias and to reinvent the civilizational model in crisis. The power of the encounter and what we can learn from the original peoples has shown us the relevance of the wisdom shared by these peoples and the urgency to emerge this knowledge in contemporary society.

Keywords: Guarani, Teko Porã, knowledge ecology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reunião construção da ENEBIO.....	20
Figura 2 – Vivência Assentamento Rosa Verde RJ	21
Figura 3 – Silêncio de Omama.....	42
Figura 4 – Faça seu pedido, continue a sonhar	48
Figura 5 – Ser é conhecer.....	57
Figura 6 – A luz de Nhanderu	59
Figura 7 – Colibri, a ave do Amor.....	60
Figura 8 – Sabedoria de Nhanderu	61
Figura 9 – Proporção populacional do povo Guarani por país	62
Figura 10 – Mapa Guarani Continental indicando a distribuição populacional por localidade e número de habitantes.....	66
Figura 11 – Estrelas na Terra.....	80
Figura 12 – Tekoha Pakurity	87
Figura 13 – Tekoha Pakurity	87
Figura 14 – Rezador Kaiowáa em fazenda retomada	89
Figura 15 – Crianças brincando na construção de uma casa de reza Mbya.....	90

SUMÁRIO

Oñondive ñanembareteve - Juntos somos mais fortes	9
1 Experiência do pensamento, movimento do pensamento criativo.....	12
1.1 <i>Ayu porã rapyta</i> : origem das belas palavras	13
1.2 Um sonho... um caminho em busca da liberdade	16
1.3 Aprendiz de cartógrafa: aprendendo com os guaranis a ouvir e sentir o tempo	30
1.4 Encontrando os Guaranis.....	36
2 Crise e o fim de um mundo: sonhando com terras livres - reafirmando utopias..	38
2.1 Crise: um lugar de criação	52
3 Aproximações com a cosmovisão Guarani: dialogando com Guaranis	59
3.1 Conhecendo os Guarani: <i>Nhandevá</i> - “O que somos nós”, de onde viemos, para onde caminhamos.....	65
3.2 <i>Tekoha</i> : o lugar onde se é.....	82
3.3 Diálogo intercultural: A construção do território etnoeducacional para os Guarani..	90
4 Considerações finais	96
Referências bibliográficas.....	98

Oñondive ñanembareteve - Juntos somos mais fortes

Enfrentamos arduamente uma crise de sentido para a vida e buscamos assiduamente encontrar solo firme sob os pés, retomando uma guia que foi perdida causando desorientação. Ao que temos notícia parece-nos que os povos originários têm mais chances de compreender a ética que valoriza a vida do que nós, e então a pergunta apresentada é: Como temos nos inspirado nesses modos de vida? De que maneira as sociedades contemporâneas têm apreciado, compreendido e vêm deixando emergir esses saberes milenares? Como têm buscado redirecionar o sentido do desenvolvimento para essas rotas que são feitas para afirmar a vida?

As etnografias produzidas dentro da antropologia e outros campos da ciência que se voltam para a etnologia indígena nos apresentam um inventário grandioso de modos de vida, saberes, conjuntos de características e produtos culturais. A questão que se apresenta para nós é: como isso tem influenciado nossa maneira de enxergar e construir o mundo? Ao que parece, enquadramos esse inventário dentro dos paradigmas que já temos delimitados.

O convite iniciado no primeiro capítulo, é para pensarmos e reorientarmos nossas rotas, abrirmos espaço para o respiro e para que o conhecimento dos povos Guarani e seus pilares nos ajudem a refundar o mundo criando solo firme por onde possamos caminhar. Refletir sobre o olhar e lugar que estamos e de que maneira olhar para a vivência desses povos.

Encontrar as *ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2019) tem a ver com a necessidade urgente de povoar as ausências de séculos de silenciamento e subjulgamento de povos do mundo em nome da dita civilização ocidental e sua lógica neocolonial, na tentativa de construir rotas que nos levem para outro caminho. Buscando aproximar o nosso olhar da ontologia do povo Guarani, é um passo na construção do diálogo intercultural.

O que podemos aprender com esses povos? O convite é para buscarmos subverter a ordem desses inventários de modo de vida, e pensarmos o que podemos fazer para reajustar o nosso olhar para junto dos Guaranis – esses que nos apresentam o sentido de que a vida de cada um é seu caminho de buscar e aprender. A tentativa aqui então seria a de traçar trilhas por onde possamos encontrar *teko porã*

(belo viver), mapas para celebrar, para enxergar o bonito que nos mobilize a caminhar. Forjar um novo amanhã, afirmar utopias, sonhar.

A tarefa que se apresenta é a de identificar os caminhos que dão acesso ao saber. Escrevemos tanto, registramos, analisamos e proferimos verdades – para quem e para quem? Sobre essas perguntas que sempre voltam, ao que nos parece estamos distantes de compreender suas respostas, por principalmente continuarmos com a crença de que estamos “produzindo”, sem saber o sentido das palavras que registramos. O que parece é que o conhecimento, o saber que expande a vida, por vezes, fica perdido pelo caminho da necessidade de “produção”.

Xeramoí [nosso pajé] sempre fala para nós que as palavras dos livros duram pouco. Ele fala que pode deixar os *juruá* [pessoas não indígenas] escreverem seus livros, porque um dia tudo isso vai acabar. O papel rasga, queima ou se molha na água e derrete, já a palavra que é falada dentro de cada um não morre. Ela passa por dentro de mim e passa por dentro dos outros e, mesmo quando eu morrer, as palavras que forem verdadeiras vão continuar circulando entre meus filhos e netos (TESTA, 2008, Verá Mirim, Aldeia Tekoá Pyaú, 2006).

No segundo capítulo buscamos compreender como tem se dado a crise civilizatória que atravessamos, seus desdobramentos, problemáticas para que possamos pensar e criar as portas de saída. Ao olhar para o modo de vida da sociedade ocidental contemporânea e o mal-estar que esta civilização atravessa, fruto de uma razão indolente (SANTOS, 2000), podemos enxergar a lógica que a constitui e negar a continuidade desse caminho que quer nos levar para a falência da vida.

No terceiro capítulo buscamos revisitar uma bibliografia que nos ajudasse a pensar a construção desses caminhos que nos trouxeram aos presentes desafios que enfrentamos em nosso mundo, de autores que vem buscando olhar para a realidade a partir de uma perspectiva não hegemônica, da singularidade de modos de vida, na tentativa de compreendermos as estratégias que podemos estabelecer a fim de reinventarmos nossos modos de vida, compondo com a Terra uma consciência que nos conecte com os sentidos originários e nos integre enquanto povos.

A tentativa então é de buscar a inspiração no que os Guaranis concebem por resistência ao cultivar seus costumes – sua cultura em seu território existencial –, no *Tekoha* há milhares de anos. Os caminhos e estratégias na criação de um vir a ser direcionado para preservar a vida, indicando uma micropolítica ativa como bússola

ética (ROLNIK, 2019) dando sentido por onde caminhar, afirmando *teko porã* – a bela vida, ao admirar a criação de *Nhanderu*, sonhando com *Yvy Rupa* – Terra uma só, terras livres.

Olhar para o mundo mais de perto por essas lentes através da pesquisa realizada por acadêmicos indígenas, por falas registradas dos xeramoí e xejariy, e das vozes de indígenas que buscam afirmar seus modos de vida e sabedoria ancestral, aqui nesse trabalho nos mostrou ser uma potente visão a ser alcançada, a coalizão de mundos: sociedade contemporânea ocidental e povos originários, aprendendo na diferença. É urgente que afirmemos esse compromisso de aprendizado junto a esses povos que a séculos foram silenciados. Dar voz e ouvir a sabedoria da Terra manifesta pelos Guaranis.

1 Experiência do pensamento, movimento do pensamento criativo

Elaborar as linhas que seguem foi um exercício de compreender o pensamento do povo Guarani e buscar romper as barreiras do pensamento que temos construído pela colonialidade do saber. Por isso, trata-se de um tecer conjunto, e um trabalho de elaborar o pensamento co-criando com as linhas de vida que compõem nossa história.

Para isso, é fundamental que busquemos olhar para a posição assumida pelos sujeitos históricos. No processo de colonização o que houve foi uma sobreposição de mundos e modos de vida, um em detrimento de outros, a imposição forçada e violenta, que há séculos vem sendo instituídas sobre os povos que aqui estavam estabelecidos foi o caminho escolhido pelo colonizador, munido em sua subjetividade pelo desejo de poder subjugou e silenciou civilizações multimilenares que aqui se encontravam.

[...] encontrou-se não com um mundo a ser estabelecido, um mundo de mentes vazias e animais em evolução. Ao contrário, encontrou-se com seres culturais, política, econômica e religiosamente complexos: entes em relações complexas com o cosmo, com outros entes, com a geração, com a terra, com os seres vivos, com o inorgânico, em produção; entes cuja expressividade erótica, estética e linguística, cujos saberes, noções de espaço, expectativas, práticas, instituições e formas de governo não eram para ser simplesmente substituídas, mas sim encontradas, entendidas e adentradas em entrecruzamentos, diálogos e negociações tensos, violentos e arriscados que nunca aconteceram (LUGONES, 2014).

A redução desses povos a seres primitivos, menos que humanos, como estratégia que legitimasse a dominação, por séculos vem perdurando. O que vamos propor nas linhas que seguem desse trabalho é que possamos potencializar o encontro, ao compreender as fronteiras ontológicas dos entes que coexistem nessas terras uma potência para aprendermos na diferença. Como nos propõe Boaventura Sousa Santos (2002), que busquemos construir nessa ponte entre as diferenças, os processos de tradução capazes de criar inteligibilidade mútua entre essas experiências, criar articulações e alianças que nos possibilitem alcançar novos patamares existenciais.

Iniciamos esse diálogo pela palavra, a fim de nos aproximar do entendimento de mundo e da cosmovisão guarani, começar a ajustar nosso processo de escuta e atenção no pouso junto a esse povo. Construindo as zonas de encontro nas fronteiras desses mundos.

1.1 *Ayu porã rapyta*: origem das belas palavras

*O verdadeiro pai Ñamandú, o primeiro,
de uma parte de seu próprio ser de céu,
da sabedoria contida em seu ser de céu,
com seu saber que se vai abrindo como flor,
fez com que se engendrassem chamas e tênue neblina.
Tendo-se incorporado e erguido como homem,
da sabedoria contida em ser de céu, com seu saber que se abre qual flor
conheceu para si a fundamental palavra que havia de ser.
Conhecendo já a palavra fundamental que havia de ser,
Da sabedoria contida em seu próprio ser de céu,
em virtude de seu saber que se abre em flor,
conheceu para si mesmo o fundamento do amor ao outro.
Tendo já feito abrir-se em flor o fundamento da palavra
que havia de ser,
tendo já feito abrir-se em flor um único amor,
da sabedoria contida em seu ser de céu,
em virtude de seu saber que se abre em flor,
fez com que se abrisse em flor um canto alentado.
(...) Depois de tudo isto, o verdadeiro pai Ñamandú,
que estará frente ao seu próprio coração,
a futura verdadeira mãe dos Ñamandú,
fez com que se conhecesse como (divinamente) celeste.
(...) Por terem eles assimilado já a sabedoria celeste de seu Primeiro Pai,
por terem eles assimilado já o fundamento da palavra,
por terem eles assimilado já o fundamento do amor,
as séries de palavra do canto esforçado,
e a sabedoria que se abre em flor, os chamamos:
excelsos verdadeiros pais-e-mães das palavras.
(MELIÀ, 2013, n.p.)*

Com a licença dos antepassados para dizer sobre esse povo, vem junto o dever de iniciar esse caminho cuidando da palavra. No fundamento, fundação, raiz das coisas é onde está a gênese da palavra, onde acontece a germinação do vir a ser do mundo. A palavra com status progenitor é recorrente em diversos povos ancestrais, é da manifestação da palavra que a realidade vai se constituindo, a criação é conjunta dos seres portadores desse dom do dizer.

Os Guarani em seus mitos de criação são entendidos como os “verdadeiros pais e mães da palavra”, carregam consigo esse rigor e traduzem em sua linguagem a poética como veem a vida.

A possibilidade de estabelecer aqui, nesse espaço, um diálogo intercultural (LADEIRA, 2001) é certo que possui limitações. Nós *juruá kwera* (não-indígenas), através do lugar que ocupamos, buscamos registrar e interpretar as palavras escritas, que nascem de um fundamento outro em relação aos Guaranis.

Aqui o exercício, além de estar nesse lugar, é do deslocamento, do ajuste da lente para aproximar o olhar dos Guaranis, entretanto bem sabemos que esses saberes aqui organizados através da palavra escrita vêm no sentido de compor a história do nosso pensamento científico, mesmo que na tentativa de transpor as barreiras que foram historicamente construídas.

A proposta é edificar pontes entre esses saberes, respeitar os lugares de fronteira, mas também identificar quando há a possibilidade de transpor. E com a licença, empresto as palavras de Maria Inês Ladeira (2001, p. 56) para traduzir esse movimento de pesquisa junto ao povo Guarani: “É um exercício que procura alcançar uma pequena parte do pensamento Guarani, cujo universo de ideias e princípios é tão amplo quanto o infinito que buscam e, por isso mesmo, tão difícil de ser compreendido”.

Iniciar cuidando da palavra, com o olhar voltado no esforço de compreender a visão que os Guaranis têm sobre a palavra, vejo que é o início desse caminho de nos aproximar de sua cosmovisão, um movimento fundamental se quisermos compreender seu *reko* (sistema), a dinâmica de seus saberes manifestando o modo de compreender e conceber a vida.

“Espírito” e “palavra” são equivalentes na língua Guarani Mbya. “A ‘palavra falada’ significa ‘oferecer o profundo que nasce na raiz do coração. Entrega de amor que brota de um coração e caminha para outro” (POPYGUA e EKMAN, 2017, p. 67). *Nhee*, ao mesmo tempo, carrega o significado do “falar”, “vozes”, “alma”, ao nascer a criança Guarani recebe seu *nhee*, o dizer de sua alma. *Nhee porã*, as “belas palavras”, “espírito puro”.

Nhanderu fala: “filho, você pode ir agora à Terra”. Então, você pode ter um filho. *Nhanderu* fala: “você pode ir”, e você vem. “Tem que ouvir a palavra de sua mãe”. Antes de vir aqui na Terra, *Nhanderu* já falou isso. *Nhanderu* passa o conselho ao *onhemboery va’e*. E continua assim até a criança nascer. Se a mãe está grávida, ela já senta para ouvir o conselho do *onhemboery va’e*. E continua assim até a criança nascer. Antigamente, os pais sentavam com o *onhemboery va’e* desde o começo da gravidez. [...]O *onhamboery* ia conversando com o *nhe’e*. *Nhanderu* que, antes de vir à Terra, já define o que cada

nhe'e vai fazer aqui, e isso depende de qual região ele está vindo. Então, o *onhamboery va'e* [aquele que descobre o nome] faz *Nhemongarai* e coloca os nomes nas crianças. Ele faz isso porque *Nhanderu* mesmo definiu que esse seria seu trabalho (Xeramõi Aristides da Silva - Karáí Tekoa Tarumã Mirim, Araquari/SC p. 22-23).

Traduzir o espírito em palavras é uma tarefa do poeta e também do Guarani: manifestar, no seu dizer, a estrutura de sua vida (LADEIRA, 2001) que dá suporte e fundamento para as palavras verdadeiras co-criarem o mundo.

O Guarani busca a perfeição de seu ser na perfeição do seu dizer. Nós somos a história de nossas palavras. Tu és tua palavra, eu sou nossas palavras. Che ko ñandeva. Potencialmente, cada Guarani é um profeta - e um poeta -, segundo o grau que alcance sua experiência religiosa (MELIÀ, 2013, p.2).

Com o repouso da atenção no olhar dos Guarani, buscando nos inspirar e aprender sobre o fundamento da linguagem humana, *Ayu porã rapyta* (origem das belas palavras), que podemos entender como amor e palavra nascem de uma mesma origem e dessa maneira entretecem para formar a língua, o pensamento e a sabedoria Guarani, significando e dando sentido para sua própria existência. (POPYGUA e EKMAN, 2017, p.67).

Conforme colhido em textos míticos, antes de conceber a Terra, *Nhanderu* através de sua sabedoria gerou o fundamento da linguagem humana (*ayvu rapyta*) e o fundamento do amor. Em seguida criou o “hino sagrado” (*mbae a'ã rapyta petei*) (CADOGAN, 1959 apud LADEIRA, 2001). Depois de criar os fundamentos, criou os pais das almas (*nhee ru ete*) para transmitir os ensinamentos aos *nhandevy regua* (os que seriam Guaranis), nos trazendo a dimensão de que palavra-humanidade-cosmos-eternidade são elementos indissociáveis (LADEIRA, 2001).

A construção do mundo e do ser humano são vistos pelos Guaranis como palavras ditas que alcançaram a perfeição e não morrem, entram na dança cósmica da existência (MELIÀ, 2013). Assim a autenticidade das *ayvu porã etei* (verdadeiras palavras) é que as torna eternas, a palavra viva *m'baraka* (a palavra que age) está no movimento da criação, sai de mim e atravessa o outro demarcando o fluxo do saber, do devir. O ato do dizer está intimamente associado com o ato de ensinar (*nhemongueta*) (LADEIRA, 2001), que reatualizados no tempo-espço vão compondo o sistema da tradição guarani, na tentativa de reafirmar seu *reko*, seu *teko porã* (belo viver).

1.2 Um sonho... um caminho em busca da liberdade

Consigo vislumbrar meu “eu criança”, iluminar essa memória e habitá-la. Por alguns instantes sinto que o que me transmite é esse sentido que me percorre de imaginar outros mundos. As brincadeiras eram sempre um mundo de fantasia, onde meu mundo próprio cabia, onde conseguia fazer morada e muitas vezes acontecia de me perder por aí nesse brincar.

Ainda menina, me lembro de encontrar lugares-refúgio para sentir o vento e assim conseguir me ouvir. Subia no telhado da casa da minha avó paterna e ali passava horas olhando a mangueira no fim de tarde, o céu, os pássaros e sentindo o vento e o quanto ele podia carregar e contar histórias que via por aí.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

*Não gosto das palavras
fatigadas de informar.*

*Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.*

*Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.*

Prezo insetos mais que aviões.

*Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.*

*Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.*

*Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.*

Sou um apanhador de desperdícios:

*Amo os restos
como as boas moscas.*

*Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.*

*Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.*

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros (2018)

De alguma forma consigo fazer esse resgate das memórias e me identificar profundamente com essa menina “Ana sonhadora” incansável, que conversa com o vento e imagina mundos onde consiga caber seus sonhos.

A vida vai nos levando por muitos caminhos, algumas situações que encontramos parece que vão tentando tirar algumas coisas da gente. Mas consigo me lembrar de quando ainda muito nova dizer a mim mesma “Isso aqui que tenho não vão tirar de mim” e sempre vi como uma joia, eu imaginava assim: uma luzinha guardada dentro de um cristal. Sempre protegi, às vezes precisei criar alguns muros em volta e deixa-la bem guardada e do alto desse muro afastar o que tentasse se aproximar. Mas a consciência da existência dessa joia sempre esteve comigo, e acredito que todos têm essa luz bem ali, ao alcance.

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (GALEANO, 2002, p. 11).

Neste momento, consigo rememorar leitura do livro “O mundo de Sofia”. Ganhei esse livro de minha tia quando completei 13 anos. Ao iniciar o livro já me encantei com o mistério e tarefa de desvendar, buscar respostas. A curiosidade sempre foi uma bússola confiável para mim. E as perguntas apresentadas a Sofia, as sentia endereçadas a mim também: “Quem é você?” e “De onde vem o mundo?”

Ao conhecer sobre a filosofia e o convite recebido ao pensamento foi um encontro que fiz questão de dar um laço e seguir junto. Descobrir como a natureza funciona, entender a vida. E com esse sentido fui seguindo.

Da minha família, com muito custo meu tio e minhas tias estudaram em faculdades particulares da cidade: minha tia Edna, mais velha dos quatro irmãos, abriu caminho, trabalhava em “casa de família” desde os 10 anos, para ajudar nos estudos dos irmãos mais novos, e por isso considero minha tia uma visionária feminista. Imaginem uma menina, aos 10 anos de idade, periférica, sonhando em

estudar na década de 60. As histórias são muitas, memórias de dificuldade para conseguir realizar seu sonho de menina, de poder ler e habitar histórias nos livros.

Ela conta uma marca de quando se formou na quarta série, a alegria que sentiu de concluir essa etapa, afinal ela estava encantada com os livros e todo conhecimento que havia por aí no mundo a ser descoberto por ela, e quando chegou para meu avô para contar, ele disse “Agora já pode começar a trabalhar em casa de família” sinalizando que não iria mais estudar. Minha tia relata a tristeza que sentiu, e que depois de muito chorar, decidiu que não iria permitir isso. Conseguiu, com muito custo, estudar e trabalhar para ajudar em casa, com o apoio de “Tia Rita e da vó Mariinha” (minha tia tataravó e minha bisavó) que intercederam junto a ela.

Essa minha tia foi quem me criou, e seu maior sonho sempre foi me ver estudar, crescer... e como ela sempre diz: “ir ver o mundo”. Foi ela quem me deu o livro “O mundo de Sofia”, ela que sempre batalhou para que eu conseguisse ter o melhor estudo, ela que sempre disse da importância da minha independência... ela que me ensinou a voar.

Somos realmente a materialização do sonho das mulheres que vieram antes de nós, não tem como negar que o lugar que ocupo hoje não seria real e possível de estar se antes de mim essa menina periférica não tivesse enfrentado e agarrado suas oportunidades com toda sua força. Graças ao seu sonhar e sua luta, ela consegue me guiar para alcançar a Universidade pública.

Cheguei na Universidade para estudar Ciências Biológicas, para mim o estudo da vida, era isso que eu estava buscando. Todos os estudos da filosofia da ciência, do olhar curioso para a natureza para compreender o que está oculto. Esse espírito que me levou a esse curso.

Logo no início, foram muitas frustrações, a forma como a ciência é tratada no curso, como o conhecimento é produzido nesse espaço, não correspondeu ao que eu esperava encontrar no “lugar do pensamento”. Chegar a Universidade foi o momento em que baixei os muros, e a chama voltou a ficar acesa com a predisposição a sonhar.

Enfrentei muitas dificuldades materiais e emocionais. Durante um bom tempo questioneei sobre o que eu estava fazendo ali e estive na iminência de abandonar o curso, inúmeras vezes. Eram muitos desafios, em um mundo que não me cabia. Com o tempo fui encontrando ali e acolá algumas pessoas que também não cabiam, mas que ali estavam. Encontrei também a indignação ao começar um processo de tomada

de consciência do mundo, de entender o universo que é esse espaço como uma extensão do que está fora dos muros.

Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.

Carl Jung

Essa frase um dia chegou para mim. Ao me deparar com ela, me voltei para aquele lugar do cristal com a chama, e me reencontrei com o sonhar, com a vontade de criar e pensar o mundo. E um dia, saindo do restaurante universitário vi um cartaz “Reunião do Centro Acadêmico da Biologia para organização do encontro de estudantes de Biologia”, até hoje não sei o que despertou em mim naquele momento. Às vezes é uma guiança que está para além da nossa capacidade de consciência, é uma força que nos move e nos leva para onde aquela chama vai conseguir se manter acesa.

Na reunião do centro acadêmico me encontrei com pessoas se auto-organizando e pensando em coletivo. Eu nunca tinha visto aquilo em dois anos de curso. Hoje, ao olhar para esse momento tenho essa consciência, consigo fazer essa análise. Naquele momento, acredito que me senti bem, acolhida e era o suficiente. Isso me faz lembrar dos encontros da adolescência em que participei das reuniões das comunidades eclesiais de base, e do sentimento de pertencimento ao estar em comunidade.

Na segunda reunião que fui precisavam de alguém para ir para o Rio de Janeiro fazer um curso de formação para ser coordenador no Encontro Nacional de Estudantes de Biologia que aconteceria na UFRJ. Logo me prontifiquei a ir, afinal queria ver o mundo. Eu nem imaginava o que iria encontrar, mas fui confiante. O que encontrei foram jovens militantes estudantes de Biologia do Brasil inteiro, organizados na Entidade Nacional de Estudantes de Biologia. Ali o que eles estavam fazendo era questionar o currículo da Biologia, olhar além do óbvio, romper as caixas que insistiam em nos colocar, para ir mais longe. Jovens cheios de utopia, cantando, se olhando, trocando afetos e sentidos de existência.

As reuniões todas eram em roda, com discussões para construir os espaços que abordaram o tema “Biólogo: um equilibrista entre a urbanização e suas problemáticas”, no ano de 2011. Muitos afetos trocados, e meu encontro com a possibilidade de pensar juntos, refletir sobre o mundo com o pensamento livre. Posso

dizer que foi o primeiro contato mais intenso com o que mais tarde eu entenderia que é a educação popular, emancipatória - a pedagogia da liberdade.

Figura 1 – Reunião construção da ENEBIO



Fonte: arquivo pessoal (2011).

Canção para os fonemas da alegria

*Porque unindo pedaços de palavras
Aos poucos vai unindo argila e orvalho,
Tristeza e pão, cambão e beija-flor,
E acaba por unir a própria vida
No seu peito partida e repartida
Afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que se paga por ser homem,
mas um modo de amar - e de ajudar
o mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:
ele atravessa os campos espalhando*

*a boa nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,
contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.
Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:
canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

Thiago de Mello (1978)

Nesse lugar, onde a palavra podia ser colocada em movimento vivo, senti que havia encontrado solo fértil, um espaço onde poderia brotar muitos sentidos, a troca, a escuta, os sorrisos, os abraços, as lágrimas em comunhão por partilharmos sentido de vida. Foi um grande encantamento aquele momento onde ouvi pela primeira vez o anúncio de que a vida podia ser diferente, onde a necessidade de construir o caminho por onde seguir se apresentou. Pela primeira vez ouvi falar de agricultura orgânica, sobre a possibilidade de questionar o que vem sendo feito com a Terra: o saber cuidar começou a se mostrar para mim, a vida da Terra apresentou seu pulsar.

Figura 2 – Vivência Assentamento Rosa Verde RJ



Fonte: arquivo pessoal (2011).

Quando voltei desse encontro, eu não era a mesma: algo havia sido desperto, minha configuração havia sido alterada, o “desassossego” foi notado. E a pergunta que vem surgindo é “Qual meu compromisso com a liberdade?” Voltar e me engajar

na transformação do espaço que eu estava ocupando é a tarefa apresentada, meu coração estava comprometido em espalhar para muitos corações essa semente da liberdade. E na Biologia, falar que a ciência pode ser construída por todos nós, que a realidade é construída em coletivo, que existe muito fazer no saber e são infinitas as possibilidades de criação, podemos sonhar com um mundo diferente.

El derecho al delirio

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

Desse momento em diante, o movimento da vida se orientou no sentido de fazê-la vingar. Foram muitas descobertas, o engajamento no movimento estudantil, junto ao MST, à Via Campesina, cursos de formação política na escola Florestan Fernandes e a aproximação da Educação Popular. Os embates eram constantes nas contradições, em buscar romper a fronteira entre a rigidez da academia e a possibilidade de criar junto aos movimentos sociais.

*Porque eu, uma mestiza,
continuamente saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
simultaneamente
(ANZALDÚA, 1987, p. 77).*

Essa abertura da disponibilidade de encontrar afeto, alegria, sentido, força, coragem, continuidade, cura, boa vida, justiça, pulsar da vida... foi reorientando o meu caminhar, me fez o convite a religar. E essa ligação com a Terra começa junto ao movimento campesino, encontro com os estudos do movimento Zapatista, a resistência indígena, a luta dos trabalhadores rurais sem-terra, dos quilombolas, dos pescadores, dos ribeirinhos atingidos por barragens. Essa luta do povo que está mais profundamente conectado com a realidade que é viver da terra, para mim uma grande

chave, as grandes lições, não existe nada mais concreto do que plantar no solo a semente que virá a ser alimento, a árvore que concederá sombra, segurará a terra com suas raízes, fará a água brotar.

En nuestros sueños hemos visto otro mundo. Un mundo verdadero, un mundo definitivamente más justo que en el que ahora andamos. Vimos que en este mundo no eran necesarios los ejércitos, que en él eran la paz, la justicia y la libertad tan comunes que no se hablaba de ellas como cosas lejanas, como quien nombra pan, pájaro, aire, agua, como quien dice libro y voz, así eran nombradas las cosas buenas en este mundo (Subcomandante Marcos, EZLN, 1994).

Nesse encontro com a Educação Popular no seio dos movimentos sociais consegui enxergar a potência do ser educadora, para mim uma potência que habita a todos nós, aprender-ensinar, a disponibilidade para aprender que nasce da curiosidade, do ser buscadora de conhecimento que é força-motriz para a construção da autonomia, essa estrada para a liberdade.

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como MEIO e ANZOL para o conhecimento, até a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários - até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver POR EXPERIÊNCIA e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre. [...] Há um estado intermediário, de que um homem com esse destino não se lembrará depois sem emoção: uma pálida, refinada felicidade de luz do sol que lhe é peculiar, uma sensação de liberdade de pássaro, de horizonte e altivez de pássaro [...] (NIETZSCHE, 2005, n.p.).

Realmente, há encontros que salvam a gente, que reverberam e mexem com nossas marcas (ROLNIK, 1993) e mostram algumas feridas para serem curadas, mostram centelhas de vida que nos motivam na caminhada. Vivenciando toda essa paixão pela militância, o engajamento na luta por um vir a ser dos povos que mereça ser celebrado, as contradições, e o que estava vivendo dentro do espaço acadêmico ficaram mais intensas.

O movimento então que me lanço é o de buscar redesenhar, “elaborar/esboçar mapas para a festa”, roteiros para tentar criar caminhos que levem ao que dá força

para continuar, que preenche o coração e devolve a paixão, alegria, prazer e gosto, fazendo com que a vida mereça ser celebrada (MADURO, 1994). Encontrar aquele fio que nos conduz, que nos motiva a encontrar as trilhas por onde percorrer, que nos concede força vital, o néctar precioso que nos nutre e assim nos gera potência de vida.

Ao me identificar com essa forma de enxergar a vida, os mapas mentais vão realinhando os percursos e vou, pouco a pouco, buscando encontrar a condução sobre o fio da navalha (SANTOS,1988) entre a lucidez e a ininteligibilidade das perguntas e respostas a serem des-ventadas, no caminho como pesquisadora – buscadora de vida.

Nesse trilhar encontro-me com o GECOMS - Grupo de Estudos Educação Comunidade e Movimentos Sociais (UFSCar – Sorocaba), coordenado pela professora Dulce¹, e foi um feliz encontro, mais uma vez daqueles que a gente dá um laço e carrega no coração como uma marca que traz potência, nos devolve vida.

O que esse encontro mobilizou em mim foi tão forte que considero ponto fundamental na minha trajetória de vida. Realmente não sei onde estaria se não tivesse acontecido. É desses encontros que não dá para imaginar a vida sem ter acontecido. Encontro solo fértil, encontro espaço para dizer, para ser e para buscar! Porque é isso que Dulce proporciona pra gente, quando olha, quando se empolga com uma ideia, quando orienta o caminhar por enxergar sua potencialidade. Dulce – educadora popular, brincante, caixeira, devota à vida! Sou grata, por fazer da vida inspiração!

O GECOM configura-se como um espaço para respirar. Nesse respirar vou me encontrando ao mesmo tempo com o tambú e as manifestações da cultura popular e chego no meu primeiro exercício como pesquisadora-aprendiz-cartógrafa no trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Ciências Biológicas: “Ancestralidade e contemporaneidade: o jongo como uma experiência de encontro e transformação social”. Encontro meu Eu Jongueira, encontro a potência da ancestralidade dos povos de África e o tambor que mexe nas memórias e trata as marcas.

*Tava durumindo
Cangoma me chamou,
Disse levanta povo,
Cativeiro se acabou.
(Ponto de Jongo)*

¹ Orientadora deste trabalho

Como posso pensar, viver a educação se meu processo de constituição está esquecido, adocido ou até mesmo envenenado? (ROLNIK, 1993). É preciso tratar essas marcas, é preciso deixar falar o que atravessa. E a experiência desta pesquisa foi isso, trazer à superfície o que estava precisando bailar no movimento da vida, o que precisava entrar na roda e abrir caminho para que eu pudesse me encantar com o processo de pesquisa, com a possibilidade de fazer ciência para além do óbvio, de ajustar as lentes para olhar o mundo a partir de outros pontos de vista, descolonizar o pensamento-corpo e encontrar a ecologia de saberes (SANTOS, 2000) que compõem o mundo, olhar para ancestralidade e perceber que há muito para se aprender.

A experiência é isso, sentir na pele, vivenciar o que está latente e assim dar canal para que se manifeste a força contida nos territórios que se apresentam, que é lugar de passagem, mas que também registra, marca e gera a possibilidade de um vir a ser, de um outro tempo (OLIVEIRA, 2016).

Sonhando liberdade...

Foram 15 dias na mesma posição na cama do hospital, a janela lateral com vista para uma árvore antiga de flamboyant, de flores vermelho vivo. Olhando para fora, muitos pensamentos percorrem, acabo de saber minha aprovação no programa de mestrado em Educação, sinto profundo em meu ser uma motivação para continuar... muitas dores vividas até ali, todas as perdas de pessoas que a gente às vezes considera vital para existência, a incerteza da recuperação da mobilidade da minha perna direita, mas uma certeza viva em meu peito de que tenho ainda algo mais para viver, motivos para sonhar, eu preciso do mundo e o mundo precisa de mim. Todos os 32 dias que passei na cama do hospital recebi sorrisos, cuidados e visitas para me animar, me contar do que estava acontecendo lá fora, e mesmo cada dia parecendo uma eternidade fui encontrando a centelha de sentir pulsar vida. Nesse dia não foi diferente, minha amiga Juliana chega para a visita das 16h, trazendo consigo sorriso no rosto, biscoitinhos de goiabinha que sua mãe, tia Vanilda havia enviado para mim -

os favoritos, e me entrega além disso a notícia de que estava sendo preparado para aquela noite uma sessão de cura na igreja de Santo Daime Céu da Aliança Estelar com medicinas da floresta amazônica (bebida ayahuasca), e que esse ritual seria ofertado para minha cura, para minha saúde, minha força para continuar...o trauma do acidente era grande, e a dimensão enquanto estamos passando por algo assim se confunde entre um não pensar e um sentir constante. Ela se despede, e eu fico esperando a hora, ela havia pedido para que às 20h eu começasse a me concentrar e meditar sobre minha cura, e me conectar de alguma forma com a sessão. Adormeci. Acordei flutuando em um túnel de folhas, meu ser estava mergulhado, a impressão era que eu estava escorregando e durou na percepção do meu ser ali muito muito tempo... Quando esse túnel acabou, eu avistei do alto uma pequena vila, com algumas casinhas e luzes de lampião começando a ser acesas, era fim de tarde e eu podia até sentir uma brisa leve e um frio anunciado. De alguma forma eu já sabia o que procurar naquela vila, e assim desci do alto onde estava, cheguei em nas ruas de pedras à procura de uma das casas. Quando eu a avistei, já sabia que era aquele o lugar, mesmo sem nunca ter visto essa casa. Era branca, com um portão baixinho, um jardim com roseiras e uma pequena escada para a porta de madeira cru e na soleira estava uma senhorinha, muito velhinha com o cabelo todo branco - pensei que ela parecia um floquinho de neve, e quando nos olhamos eu senti que ela estava me esperando e assim eu entrei e fui ao seu encontro. Sem pronunciar palavras, nós nos entendemos e nos comunicamos de alguma forma, e ela foi entrando, a indicação era para que eu a seguisse. Na sala de estar, poucos móveis antigos e chão de madeira, a lareira acesa e o frio sendo amenizado no calor do avô-fogo. Ela me serviu uma bebida quente e eu fiquei ali alguns instantes, enquanto ela preparava algo. Ela voltou e senti que eu havia recebido algo, não sei colocar em palavras, definir o quê, o mais próximo que posso tentar chegar para traduzir é que recebi uma luz. Além

disso, ela me entregou botinhas vermelhas, bem quentes - ainda sinto o calor delas! Essas botas eram muito especiais, elas eram minhas asas. Foi um encontro confortante, e eu saí confiante de lá, quando me vi e dei conta novamente estava voando, era um ritmo diferente, eu passava pelo passado, presente e pelo futuro, via do alto muitas vidas, e cada vida que eu via eu tinha a dimensão de todas as suas histórias, brincadeiras, conflitos, olhares perdidos, reflexivos e o que mais lembro é de um sorriso amoroso de um avô para um menino...E ali, passando por essa imagem era como se eu tivesse compreendido tudo!! Uma epifania engraçada, ao pensar nas botas com asas. Meu espírito estava livre...

Esse sonhar com o voo, com a liberdade é uma conexão com um ímpeto interno de busca por liberdade. Guaraní, povo que sonha e busca a liberdade: esse sonhar nos une, e o que sinto nesse elo é que ele foi um encontro, eu fui até os Guaranis e eles vieram até mim. Para os Guaranis, assim como para diversos povos indígenas, todas as permissões e decisões são antes concedidas em sonho. Sigo, portanto, esse caminho de sonhar liberdade irmanada aos Guaranis.

Esta pesquisa começa a se desenhar em meu interior, minhas vivências na trajetória acadêmica durante a graduação e nas experiências de vida que vieram me conformando com as lentes com as quais neste momento observo a realidade à minha volta. Esse movimento foi me levando ao encontro dos Guaranis, e o que estava buscando é junto desse povo que encontro a possibilidade de aprender.

Essas lentes que constantemente são ajustadas, assumem novos campos de visão, ora mais ao horizonte, ora mais voltado para o interior. Considero esse movimento essencial, fundamental, indispensável para quem se propõe a olhar e pensar junto com mundo, principalmente quando estamos falando sobre nós, seres de relações com o mundo e também como seres componentes da natureza que habitamos.

[...] os processos envolvidos nas nossas atividades, em nossa constituição, em nosso atuar como seres vivos, constituem nosso conhecer. Ser é conhecer, conhecer é ser. Esse aforismo, diz respeito à circularidade dessas dimensões constitutivas dos seres vivos (MATURANA e VARELA, 1990, p.12).

Essa consideração se dá, pois o que escrevo, o que construo teoricamente, é baseado naquilo que observo, assimilo, mastigo, degusto, digiro ou não. Meu corpo, implicado, acordado e vivendo, é atravessado constantemente pelos movimentos da vida, o que reverbera, o que fica, o que marca e o que me gera desassossego é aquilo que me impulsiona, me move e me produz o ímpeto da ação.

Essa ação que é governada por forças que se somam, se subtraem, dividem, e se transformam no fluxo do devir. Esse vir a ser sendo comandado por essas forças, esses vetores, que produzem em mim o pensamento, modulam a subjetividade enquanto ser no mundo, o vir a ser do próprio mundo.

*Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente*
(Almir Sater – Tocando em frente)

O ponto de mutação se dá na singularidade produzida, novos mundos sendo criados a cada instante nesses pontos onde ocorre o encontro. O segredo da co-criação é a vazão dos fluxos de criatividade, da individualidade potencialmente criativa, dos mundos que no encontro marcam a diferença e assim se desdobram em novas configurações, singulares e potentes, por juntas comporem um vir a ser do mundo através da recombinação de suas visões e modos de ser.

*Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz*
(Almir Sater – Tocando em frente)

Esse movimento é vivo, latente, dá para sentir na pele. Nos poros, o calor da criação, de estar vibrando em movimento de ação implicada com sentido no mundo. Assim sendo, podemos considerar o movimento da pesquisa, vivo!

No processo interativo de acoplamento estrutural, sujeito e meio se mudam juntos de forma congruente. O meio externo não determina o que acontece com os seres vivos, as perturba, desencadeando mudanças na estrutura do vivo (PELLANDA, 2009 p. 191).

A poesia de Fernando Pessoa nos traz uma palavra que, a meu ver, traduz o estado em que nosso corpo adentra ao iniciar a reverberação de uma marca, de um atravessamento que ativa esse movimento da pesquisa, da busca: o desassossego. Esse estado é onde se inicia o que incomoda, o que fervilha no pensamento, as perguntas latentes que se tornam recorrentes.

Esse estado é de vibração, todo o corpo-mente se reconfigura e se abrem as possibilidades, a disponibilidade de que os atravessamentos ocorram. Em sua experiência enquanto fora-do-sujeito, a subjetividade apreende as forças de um mundo em seu estado virtual.

Uma experiência extrapessoal-extrasentimental-extrasensorial – vital. “O estranho” (ROLNIK, 2015). Aqui estamos vivenciando um estado onde o racional e o sensível se encontram, onde encontramos a abertura, a disponibilidade. Esse estado é o que gera a reverberação gerada pelo paradoxo de duas forças atuantes no saber-corpo.

“Em sua experiência enquanto sujeito, a subjetividade apreende as formas do mundo em seu estado atual. Uma experiência pessoal-sensorial-psicológica-cultural. O familiar” (ROLNIK, 2015). Essas duas forças *Estranho-Familiar*, indissociáveis de um mundo, de um corpo promovem uma “não-forma”, uma interrogação latente para a subjetividade, que tomada pelo problema e tensionada precisa agir.

Trata-se, portanto, de um convite ao movimento, ao aceitar esse estado de latência os pensamentos estão em ação, o próximo passo é: por onde ir? Como estar sob uma névoa, com os horizontes a se definir, apresentados como possibilidade. A sensação é a de desestabilização, vibração disforme, desassossego. Vital para a experiência subjetiva, para a vida acontecer.

O que vai nos orientar nos primeiros passos, são as primeiras questões. O movimento é o do desejo. Micropolítica ativa e sua bússola ética (ROLNIK, 2015) querendo afirmar a vida, guiando os passos para uma subjetividade que busque driblar o inconsciente colonial que nos conforma, a fim de que possamos criar proposições dentro da ciência que rompam com essa lógica e crie novos devires, novas rotas por onde percorrer. Uma perspectiva heterogenética que, em sua gênese, no germinar das ideias no campo da subjetividade, esteja direcionada no sentido de produzir a diferença e ser singular (ROLNIK, 2015).

Essas primeiras questões, no caso desta pesquisa, foram levantadas e através da recorrência delas, pude compreender o que estava latente no momento, e a primeira tentativa de passo na névoa foi dado. Identificar as causas do desassossego, o que incomoda o que está vibrando?

Parto do lugar onde estou, e que lugar é esse? Olho à minha volta, as contradições saltam aos olhos, muitas vezes doem quando identificadas, o silenciamento dessas dores não faz mais sentido, e a necessidade de deixar falar, compreender e me impelir a contribuir em sua superação é latente.

1.3 Aprendiz de cartógrafa: aprendendo com os guaranis a ouvir e sentir o tempo

O olhar na relação com a pesquisa, reside na sensação de dar outros passos nesse caminho, nessa rota escolhida para trilhar, redesenhar mapas mentais, cognitivos, afetivos na busca de religar às linhas de nossos ancestrais. Mestiça, mistura de uma ancestralidade que me compõe e com o espírito conectado com o que veio antes, me vejo nas fronteiras, buscando transpor, romper, me encontrar na diferença que atravessa e compartilha comigo sentido de vida, o território que piso, o que já se passou aqui? Que passado foi registrado nesse solo? Refazendo essas rotas, de olhar para o passado a partir do que nos constitui nesse espaço-tempo é um esforço constante, é uma tarefa a se levar em todos os aspectos da vida, a todo momento re-habitar a si mesmo e o espaço que ocupa.

Viver na fronteira é viver na disponibilidade de aprender "prestar atenção a todos os que chegam e aos seus hábitos diferentes, e reconhecer na diferença as oportunidades para o enriquecimento mútuo" (SANTOS, 2000, p. 350). Zonas criadas, espaços forjados para que a diversidade possa se manifestar, no encontro na "zona de contato" é para onde levamos "nossos saberes transformados em prática, nessa vivência coletiva, dialógica e criativa que aqui compartilhamos [...]" (FERREIRA, 2006, p. 97).

Essa disponibilidade, estado que se assume na experiência fora do sujeito (ROLNIK, 2019), em si é um processo que busca driblar o inconsciente colonial, afirmando uma micropolítica ativa. Quando falamos da necessidade urgente de descolonizar o pensamento, a ação e nossas vidas, sabemos que tem de ser com vontade forte e com afinco, desconfigurar o que nos compõe. Cuidar de nossas raízes esquecidas, tolhidas e doentes é forjar o conhecimento que queremos ver rebrotar.

A pesquisa nasce junto de uma vontade de aprender, um desejo de conhecer e uma satisfação no movimento do buscar, e talvez a fundação desse processo se dê no próprio nascer – se nascêssemos Guarani que *nhe'e* carregáramos? Esse sentido, de buscar conhecer, da curiosidade identificamos sendo o motor da pesquisa, de corpo inteiro, nos convoca. Como nos diz Anzaldúa (2000, p. 232) “[...] escrevo para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia”.

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Porém, não acredito que seja “minha” pesquisa, é uma guia que sinto estar conectada com um sentido de garantir a vida, me somo e me nutro nessa busca, mas ela vai além da individualidade e do “querer para si”. Por isso não falo sozinha, trago os que vieram antes, nossos antepassados, Guaranis com os quais me encontrei no diálogo, nas leituras e escritas, minha orientadora e meu orientador, autores que inspiram, existências que me atravessam. Apesar de muitas vezes esse processo de escrita parecer solitário, sinto-me povoada de vozes, habitada por muitas existências. Penso se isso nasce do compromisso que carrego de afirmar a liberdade, pois quando nos movimentamos nesse sentido não é possível ir só. A palavra é polifonia (BAKHTIN, 2008), resgate e afirmação das palavras em movimento. Aqui com o que escrevo, manifesto meio grito (BRANDÃO, 2006), e por isso não vou só.

Por esse motivo desde já, entrego as palavras aqui esboçadas, registros transitórios do que sou nesse instante, para que elas se multipliquem de um jeito belo, e que assim possam encontrar corações e mentes despertos e disponíveis para pensarmos e sonharmos juntos o mundo que queremos.

“Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente” (hooks², 2013), um lugar de sonhadores e guerreiros onde podemos trilhar um caminho expansivo sobre os processos de teorização-criação do mundo. “Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e viver a vida como processo, como vir a ser” (FREIRE, 2005, n.p.).

² O nome da autora é grafado em letra minúscula. Para ela, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento. “O mais importante em meus livros é a substância e não quem sou”, diz. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas.

São muitos os desafios. Encarnarmos em nosso olhar o momento e trazer para o corpo e escrita é a tarefa enquanto mulher escritora de todas as vozes que atravessam. Forjar os caminhos para a vida vingar, arar a terra e depositar a semente, sucessivamente, encontrar terra fértil. Qual seria o caminho diferente desse? A inércia, a espera por melhores condições perdurando e os dias correndo, se hoje eu não fizer, se hoje mais uma vez silenciar o que está latente em vir a compor a criação... Abrir espaço para o que almejamos enquanto futuro se manifeste através das nossas ações cotidianas.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas.

Vocês são as profetisas com penas e tochas.

Escrevam com suas línguas de fogo.

Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas.

Não deixem a tinta coagular em suas canetas.

Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes.

Ponham suas tripas no papel.

Glória Anzaldúa (1980, p. 235)

A insegurança produzida, o desencorajamento para que a voz, através da palavra seja colocada em movimento no mundo – de co-criação – é sempre o plano de fundo. Das vozes que me percorrem o pensamento: “Quem sou eu para pensar o mundo?”. Conforme Anzaldúa (2000, p. 231): “Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma”.

Manter vivo o espírito de todas as mulheres que vieram antes de nós através da nossa voz de co-criação no mundo. Esse direito, de pensar a Terra e criar com ela, historicamente é negado aos oprimidos do mundo. Entretanto, estes sempre estiveram em movimento, o levante dessas vozes não para! E essa força criadora e desconstrutora das estruturas ilusoriamente consolidadas, é grandiosa.

É a própria força da natureza, essa natureza que é política, sustentada por um ecossistema de afetos! “*Só existe vida quando se tem relação*” (afirmam os Guaranis), e nosso propósito no ato de escrever, registrar, formular o pensamento, dar contorno à existência, é uma forma de relação com o mundo: ecoar nossa compreensão e nossas visões a partir das experiências que nos atravessam.

Qual nosso compromisso com a liberdade? Essa pergunta se faz recorrente e a afirmação das respostas engajadas para o entusiasmo, trazendo o saber e o fazer para junto do afeto, têm sido fundamentais na minha construção enquanto mulher, enquanto educadora e pesquisadora-aprendiz-cartógrafa (ROLNIK, 2006).

Compromisso apaixonado com uma visão de transformação social baseada na crença fundamental numa ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos. Quais valores e hábitos de ser refletem meu/nosso compromisso com a liberdade (hooks, 2013, p.41)

É através da reprodução de costumes colonizadores, quando fazemos concessões que institucionalizam nosso modo de vida, que a manutenção do sistema e da cultura de dominação perpetuam e contribuem para um mundo cerceado, enclausurando a nossa potência de exercer o que somos, a nossa liberdade de ser. “Hay que pensar en entender que eso que se puede llamar felicidad significa garantizarse tiempo para cultivar los afectos, que es la diferencia que tiene la vida y los sentires (MUJICA, 2019). Cultivar o sensível é subverter a lógica dominante.

Na sua predisposição para aprender com o mundo, a construção da ciência, do conhecimento para os Guaranis é movimento no tempo e no espaço. Arandu e Guata Porã.

Para falar sobre o conhecimento ou a ciência na perspectiva kaiowa e guarani, utilizo o termo arandu (ara é tempo, dia; ndu vem do termo ohendu, que significa ouvir escutar, contemplar). Assim, traduzindo este termo, podemos dizer que arandu é ouvir o tempo, vivenciar, conhecer com a experiência de vida, na relação intrínseca com o ambiente. [...]. Nessa perspectiva, arandu significa sentir o tempo, fazer o tempo agir na pessoa e as duas formas de aprender acima mencionadas estão ligadas ao tempo e, por isso, quanto mais velha, a tendência é ser a pessoa mais sábia e, conseqüentemente, mais respeitada por todos (BENITES, 2014, p.38).

Por quanto devir hão de ter passado para dizer que sabem? O conhecimento se relaciona intimamente com a abertura e disponibilidade para “sentir o tempo” e perceber o movimento do que se apresenta no espaço.

Nesta pesquisa, procuramos nos deslocar do modelo cartesiano de pesquisa. Aqui propomo-nos a cartografar um percurso. O método cartográfico, aqui escolhido, foi elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). Tem como viés a

intencionalidade de acompanhar processos e não de representar um objeto estático. Essa forma de olhar para realidade pressupõe as mudanças, o movimento e a vida que se engendram na realidade que estamos nos propondo a acompanhar.

Ao nos lançarmos em campo com o olhar do cartógrafo estamos nos propondo a mapear a vida que se manifesta no território existencial em questão. Suspende a atenção pré-determinada “se faz através da detecção de signos e forças circulantes, ou seja, de pontas do processo em curso” (KASTRUPP, 2015), a focalização das lentes com as quais acompanhamos o processo se dá à medida que vamos identificando em campo aquilo que se manifesta.

Junto à noção guarani, o conhecimento não é um objeto a ser acumulado e transmitido, mas sim a possibilidade relacional de busca e comunicação. Caminhamos belamente, guiados por *Nhanderu*. A pesquisa é gerada pela própria caminhada, e a caminhada é motivada pela pesquisa - *Guata Porã*.

*Você fez uma caminhada pra chegar até aqui e alcançou
para isso acontecer, lá no seu lar,
durante vários amanheceres, vários ocasos, vários anoiteceres,
você esperou, se concentrou e pediu para que os nhe'e que
nos guiam, protegem e fortalecem
pudessem belamente iluminar seu caminho
você pediu com verdadeira confiança e, assim, isso se realizou
seu corpo purificado alcança de novo o que agora acontece
por tudo isso, aguyjevete
(AFFONSO, 2015).*

Nesse sentido, a seleção que é engendrada pela atenção tem como força motriz a intencionalidade, o desejo com o qual o cartógrafo vai a campo, possuindo então uma função seletiva orientada. Porém, como estamos falando aqui de um processo e de vidas, os seres e o desenhar das situações da realidade social que se acompanha estão em movimento.

[...] o fluxo do pensamento podemos comparar ao voo de um pássaro que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar. Voos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo. O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial (KASTRUPP, 2015, p. 34).

Aprendiz cartógrafo entra no campo movida pelas suas inquietações, perguntas e objetivos em horizonte, e habita aquele território – *tekoha* em movimento acompanhando os processos, guiada pela intencionalidade, porém compreendendo a pesquisa como algo vivo, latente nos corpos dos sujeitos que a compõe. Através dessa compreensão, vai buscando os espaços em que irá pousar a atenção, se demorar nos detalhes, permitindo assim que a pesquisa seja uma experiência, que atravesse.

O pessoal Guarani vivia...assim... livre...como os pássaros, como os rios...um território imenso para conhecer. O Guarani tem força da memória, para ele extrair sua sabedoria, seu conhecimento, ele tem que buscar isso na essência, tem que buscar força cósmica [...] Sempre falo isso, cada um de nós tem mensagens dentro de nós para passar para os próximos, cada um de nós... é micro-cosmos. Eu entendo assim, que cada um de nós é um mundo, somos um mundo...um pequeno mundo [...] (Verá Tupã Popygua, retirado do livro Yvy Rupa, 2017, p. 64).

Carregando sabedoria e olhar próprio, livre no espaço, buscando conhecer, aprender junto do mundo. O aprendiz-cartógrafo, diferente de uma pesquisa fechada, inicia sua habitação no território cultivando uma disponibilidade à experiência, estar aberto para as movimentações e dinâmicas dos sujeitos e singularidades que compõem essa paisagem existencial (ALVAREZ e PASSOS, 2015). O que existe de pressuposto é a possibilidade de transformação qualitativa nesse processo, na via de mão dupla, cultivar o refinamento através da relação do aprendiz-cartógrafo com o território em que se propõe a habitar.

O campo pesquisado, seja completamente estranho ao aprendiz-cartógrafo (como no caso das pesquisas etnográficas de povos de outros mundos), seja num campo habitual, é necessário cultivar uma receptividade ao campo (ALVAREZ e PASSOS, 2015).

A visão do aprendiz-cartógrafo é a de abertura para vivência em campo, ajustando as lentes de sua percepção, buscando cultivar as relações. O seu olhar é com a intencionalidade, buscando através da vivência e das relações com o território encontrar as linhas de vida que o compõe, e compreender os desenhos que essas fazem nesse espaço e tempo habitados.

Teko vem da palavra *oiko*, que é a forma de se mover pela aldeia, espaço ou mundo; é a forma particular de todos os seres se movimentarem na busca constante da sua perfeição. No caso de nós Kaiowa e Guarani, o *teko* é o movimento em busca da perfeição

humana na dimensão física e espiritual. Essa busca em movimento envolve muitos elementos que são vivenciados no tempo e no espaço do *tekoha* – território. É muito importante destacar a finalidade do movimento do *teko*. O *teko* se movimenta no tempo e no espaço do *tekoha*, que, por sua vez, passa por muitas etapas de desenvolvimento para chegar ao ponto final, mas este final é o próprio reinício de um grande ciclo do movimento. Existem muitos *teko*, mas, existe um fio condutor que possibilita a gradação do *teko* para se chegar ao *teko araguyje* – jeito sagrado de ser (BENITES, 2017, p. 32)

1.4 Encontrando os Guaranis

Nessa trajetória em busca de nos graduar para chegar a esse horizonte, o qual estamos querendo caminhar, *teko araguyje*, me vejo na tentativa de reorientar a bússola para termos uma boa guia. É com esse intuito que acontece o mergulho da pesquisa, sobre essa orientação preciosa de nos inspirar e aprender com os Guaranis. Encontrar os caminhos para que a vida se manifeste, para outro modo de viver, acreditar e vislumbrar essa imagem como possível – a utopia que nos faz caminhar, nos permitindo sonhar. É assim que encontramos a força necessária para reafirmar essa ética que é a de fazer a vida vingar, manifestar micropolítica ativa, afirmar *teko porã*.

Pouso realizado por esse território existencial Guarani, me coloco no movimento de aproximar, e compreendo este trabalho aqui em desenvolvimento como o início desse diálogo. Como mencionado anteriormente, reconhecendo as limitações que estão dadas, mas com a tarefa engajada de buscar transpor sempre que possível, confiando nessa memória ancestral.

A princípio, a maior preocupação foi a de como, concretamente, me aproximar dessa cosmovisão, de uma maneira respeitosa e com intenção sincera de aprender. Esse desafio foi motivo de muita inquietação no processo, pois a proposta em nenhum momento é de falar pelos Guaranis, mas de falar em aliança, valorizando a diferença na coalizão de mundos, permitindo que as palavras verdadeiras pudessem se manifestar.

Com esse cuidado e licença, início a busca mergulhando nos registros e buscando encontrar bibliografia produzida pelos próprios Guaranis. Realizar esse levantamento junto aos bancos de teses e dissertações, mas também junto à literatura, poesia e livros didáticos produzidos por Guaranis. A intenção era de encontrar sempre as falas dos mais velhos registradas, a sabedoria desses *xeramoï*

e *xejaryi*, detentores da sabedoria, manifestando em seu dizer poético as visões desse povo sendo desenhadas com o contorno do tempo. Encontrei, a meu ver, falas preciosas que busquei registrar neste trabalho, na tentativa de reafirmar esses saberes como ciência desse povo.

Além disso, a possibilidade de me aproximar dos Guaranis, conviver com eles por alguns dias me provocou a entender um pouco mais das questões latentes e vivas no momento para eles. Durante sete dias convivi com Guaranis Mbya, Kaiowa, Nhandeva e Paí tavyterã no II Seminário Internacional de Etnologia Guarani, que aconteceu em setembro de 2019 na Universidade de São Paulo. A programação foi intensa com Guaranis compondo todos os espaços e mesas do encontro, a voz, a palavra Guarani em movimento naquele espaço foi potente em manifestar seus saberes, com compartilhar generoso, provocando rupturas.

Muitos pesquisadores *jurua* (brancos), antropólogos, indigenistas, linguistas juntos para aprender com pesquisadores Guaranis. Essa partilha deixou aparente as fronteiras e limitações, porém também manifestou a vontade de ambas as partes de construir as pontes e alianças para “curar a Terra”, como manifestado na fala de Anastácio Peralta, Guarani Kaiowá.

A possibilidade de estar em um *Tekoha* também ocorreu durante o processo da pesquisa: estive como visitante junto de um grupo de estudantes da USP no Tekoha Kalipety localizado na Terra Indígena Tenondé Porã no extremo sul de São Paulo. Foi uma vivência de um dia, que trouxe ressonância para a pesquisa por ouvir os mais jovens falarem dos seus anseios, preocupações com a terra e com a continuidade da tradição, ficando latente, naquele momento da pesquisa, a necessidade de debruçar para compreender a respeito da resistência desse povo.

“Aprender a resistir e sonhar com terras livres” foi a inspiração desses momentos em que troquei essa vibração de estar junto aos Guaranis. Durante o seminário o que mais ouvi foi em relação à forma de conceber o território como livre, sem fronteiras. E na aldeia sobre a resistência da língua viva através dos mais velhos, onde a palavra manifesta pela linguagem vai conformando, no presente, os costumes tradicionais nos modos de viver. Acredito estar em grande parte nesses lugares os saberes que sustentam a vida dos Guaranis, os saberes potentes que podem nos inspirar a aprender com essa ciência Guarani.

2 Crise e o fim de um mundo: sonhando com terras livres - reafirmando utopias

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformam a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum vivo para sustentar o céu, ele vai desabar (KOPENAWA, 2015, p. 6).

O ser humano como criatura singular, com seu conjunto de dons que o torna agente transformador do lugar, espaço e tempo que o cerca, modula através do pensamento a ação, influenciando e co-criando a realidade vivida. Elabora planos e invenções, com a imaginação cria e com a curiosidade de buscador desvenda, descobrindo a natureza oculta das coisas.

As condições humanas de existência vêm sendo investigadas ao longo dos séculos. Olhamos para o passado e vemos os primeiros hominídeos, e em um lampejo olhamos para nós, sujeitos contemporâneos, e conseguimos notar que em cada época é exibido pontos de inflexão, novas maneiras de ver e afirmar a coerência e sentido do mundo. Essa característica fundamental transita onde as disputas dos sentidos vão demarcando a trajetória dessa grande embarcação planetária.

As culturas, reflexos do tempo e espaço em que emanam, são transformadas pelas novas conceituações e configurações da natureza humana, a partir das condições que lhe são próprias, dado o instante histórico que ocupam. A tradição é a tentativa de eternizar a visão alcançada, uma manutenção da cultura no tempo, o cultivo dos costumes, ela se re-atualiza³, se re-inventa... O que permanece? Os dispositivos co-criados por cada grupo social no sentido de sustentar suas vidas, em verdade, referem-se a um 'lugar' onde tudo acontece, desenhando com as linhas de vida esse tecido existencial.

³ Optou-se por adotar a grafia com o hífen a fim de demarcar o sentido da palavra de maneira mais pontual para conseguir produzir argumentação apresentada.

A ação humana empregada no mundo é gênese do cultivar, plantando no solo da vida as intenções, modulando o terreno. A cultura da Terra, do pensamento e dos conhecimentos são produzidos pela significação do mundo.

Essa significação se apresenta como condição de existência. Nós, seres humanos, ao olharmos para nós e para o mundo, dentro da dialética que esses olhares compõem, dizemos para nós mesmos o que é isso ou aquilo, sendo isso ou aquilo produto do próprio pensar: nasce no campo das ideias, na imanência da elaboração, do contemplar.

A gênese desse vir a ser constante impõe na relação com o mundo, o outro, espelho, onde a troca reflete o que há de comum. O bem em comum é o mundo, e no social se estabelecem as conexões desse sistema de relações. A compreensão de que é necessário desnaturalizar os fenômenos sociais se mostra presente ao nos identificarmos como sujeitos da própria história, forjando os acontecimentos nesse constante movimento, no devir.

A co-criação da realidade é um fato, e como direcionamos o nosso pensamento na ação no mundo é o que forma a realidade que nos cerca. O que conseguimos vislumbrar, com o olhar para nós mesmos, é que o ser humano contemporâneo fruto da cultura do capitalismo mundial integrado (GUATARRI, 2001), ainda não conseguiu dominar a si mesmo, e se torna evidente observarmos que viver com o outro é um desafio, e esse fato acarreta grandes chances de eclipsar a nossa capacidade nata de ocupar espaços e nos adaptarmos através da re-criação.

O que estamos assistindo nos anos que correm é a reverberação de um paradigma local que se globalizou, a modernidade ocidental em um localismo globalizado (SANTOS, 1999). Esse estabelecimento do modo operante sistêmico do capitalismo mundial integrado impõe condições na forma de existir na sociedade.

Vemos o comprometimento da criação e a valorização da repetição e reprodução alienante, sem reflexão. Esse paradigma que vem sendo construído ao longo dos séculos e que nesse dado momento histórico cria seus fundamentos, dá viabilidade e sustentação para que haja o desenrolar de um modelo econômico que tem como veia principal a exploração da natureza, o esgotamento dos bens naturais para geração de lucro desenfreado.

É uma lógica estabelecida de escassez, de morte e de produção da falta de sentido da existência humana, a não ser o de produzir e de consumir. A produção

dessa falta de sentido é o esvaziamento existencial que vemos hoje penetrar nas subjetividades e corromper as potências de criação humana através de um fatalismo social repetido como pano de fundo das subjetividades “o mundo é assim, está dado”. Segundo Arendt (2005, p. 194)

Sem a ação, sem a capacidade de iniciar algo novo e assim articular um novo começo, a vida do homem, despendida entre o nascimento e a morte, estaria de fato irremediavelmente condenada. A própria duração da vida, seguindo em direção à morte, conduziria inevitavelmente toda coisa humana à ruína e a destruição. A ação, com todas as suas incertezas, é como um lembrete sempre presente de que os homens, embora tenham de morrer, não nasceram para morrer, mas para iniciar algo novo.

Compreender o que nos prende é o primeiro passo para desatar o nó. O movimento de criação que carrega em si o próprio sentido existencial humano é a convocatória necessária para transformação. Como bem colocam Iberê e Baines (2018, p. 80)

Há muito sabemos que o conhecimento sobre a realidade é o primeiro passo para transformá-la. Outra forma de dizer que a esperança rebelde parte de ponto distinto, não emana da necessidade da imagem de um mundo verdadeiro para justificar a rejeição ao mundo que sentimos estar equivocado, tampouco parte da necessidade da imagem de uma utopia que ocupe seu lugar. A impossibilidade de permanecer na “verdade” de um mundo que sabemos injusto, já é motivo bastante para nos fazer caminhar. Aqui, onde estamos e já não queremos estar. M'baraká, a palavra que age, palavra que ao transformar é transformada, palavra cujo conteúdo é luta, palavra que convoca à ação, movimento, transformação.

As relações vêm sofrendo alterações muito significativas em ritmo acelerado, a racionalidade desse modo operante aprimora as técnicas de dominação e opressão, penetrando nas subjetividades humanas através de um processo cruel de reificação, tomando conta do que há de mais precioso para o humano, seu trabalho, sua ação no mundo, transformando-o em mercadoria, podendo ser vendido, comprado e substituído conforme a oscilação de mercado (BARROS, 2004). O trabalho já não é mais visto como o labor que edifica e cria.

O trabalho humano como a dedicação das pessoas, nos seus mais diversos modos, desde o trabalho braçal ao mais intelectual, com a finalidade principal de obter renda ou prover sustento, seja através de um emprego formal, trabalho informal, trabalho autônomo, por conta própria ou para terceiros, no setor público, privado ou terceiro setor, mas também com a possibilidade de desenvolver suas habilidades e

aptidões, desenvolver seu potencial humano e social, contribuir para suas causas e desígnios [...] Pelas próprias mãos humanas, a relação entre tecnologia e trabalho é, às vezes, harmoniosa, complementar, libertadora, mas também pode ser destrutiva, opressora e exploratória (GÁGLIA, 2018, p.20).

As mudanças significativas que vemos nas últimas décadas no mundo do trabalho, vêm transformando essa relação do ser humano no mundo. O emprego de tecnologias produz contradições que o homem contemporâneo deve lidar a fim de superar e recuperar alguns sentidos que a lógica da modernidade suprimiu. Isso posto, compreendemos que o ser humano se modificou e desvendou alguns aspectos da natureza através de sua ciência, porém essa lógica moral e ética produzida pelo pensamento da modernidade ocidental e do capitalismo mundial integrado, não está em consonância com o sentido de progresso e benefício humano que esse desenvolvimento tecnológico e científico têm potencial de gerar, no sentido de desenvolvimento da vida em bem-estar e justiça social.

Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 1996, p. 9).

Também podemos aludir essa situação a um processo de transição, compreendendo que, se direcionado para o sentido de reduzir o esforço e o trabalho repetitivo e desgastante, abre-se a possibilidade de novos negócios e espaços para a criação (GÁGLIA, 2018). Complementa Rolnik (2002, p. 34)

Criar alianças entre práticas que desertam ativamente a máquina de sobrecodificação e inventam outras cenas, colocando em rede sua sinergia e ativando sua potência de singularização; inserir-se no movimento de reativação da força de invenção a contrapelo de seu esvaziamento vital, da neutralização de seu poder crítico.

A imagem de Omama disse a nossos antepassados: “Vocês viverão nesta floresta que criei. Comam os frutos de suas árvores e cacem seus animais. Abram roças para plantar bananeiras, mandioca e cana-de-açúcar. Deem grandes festas reahu! Convidem uns aos outros, de diferentes casas, cantem e ofereçam muito alimento aos seus convidados!”. Não disse a eles: “Abandonem a floresta e entreguem-na aos brancos para que a desmatem, escavem seu solo e sujem seus rios!”. Por isso quero mandar minhas palavras para longe. Elas vêm dos espíritos que me acompanham, não são

imitações de peles de imagens que olhei. Estão bem fundo em mim. Faz muito tempo que Omama e nossos ancestrais as depositaram em nosso pensamento e desde então nós as temos guardado. Elas não podem acabar. Se as escutarem com atenção, talvez os brancos parem de achar que somos estúpidos. Talvez compreendam que é seu próprio pensamento que é confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas. Por isso suas ideias costumam ser obstruídas e enfumaçadas. Eles dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa. Enquanto isso, no silêncio da floresta, nós, xamãs, bebemos o pó das árvores yãkoana hi, que é o alimento dos xapiri. Estes então levam nossa imagem para o tempo do sonho. Por isso somos capazes de ouvir seus cantos e contemplar suas danças de apresentação enquanto dormimos. Essa é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade. (KOPENAWA, 201, p 76)

Figura 3 – Silêncio de Omama



Fonte: Foto de Cláudia Andujar. Festival della fotografia Ética, 2016.

O que nos cabe é perguntar: Até quando vamos esperar que o progresso tecnológico resolva nossos enormes problemas? Esse questionamento busca elucidar o sentido diante da ideia do progresso. A técnica, como já bem sabemos, não é neutra, existe para atender um processo de valorização do capital, e vem se desenvolvendo nos últimos séculos em função da demanda de acumulação. O que vemos é que muitas das novas técnicas são fontes de formas de desigualdade, alienação e exploração (ACOSTA, 2016). Torna-se necessário, portanto, que

reinventemos as condições da produção social da técnica, para que essa se relacione com a vida humana.

Podemos, dessa forma, pensar como os modos de gestão do trabalho conformam a relação do ser humano no mundo, e abrem ou não as possibilidades para outros modos de subjetivação, gerindo a partir de formas de cooperação e de relação consigo, que promovam a individuação, ou seja, a produção de singularidades, novos mundos interiores, novos horizontes de possibilidades, rompendo com o fatalismo social (BARROS, 2004). Refundar nossas raízes, religar com o sentido ancestral, atualizar o olhar a partir das visões que em algum ponto do caminho perdemos, e fizemos o mundo ao contrário do que tem potencial de ser. A revolução dos valores e dos costumes, a micropolítica ser reajustada, resgatando em nós o próprio sentido da vida.

Estamos mergulhados numa grave crise internacional desta perspectiva, o que nos deixa perplexos e, por ora, impotentes. Impossível decifrá-la se insistirmos numa abordagem exclusivamente micropolítica. Desentorpecer o corpo-que-sabe é condição incontrolável para sairmos da impotência em direção a ações criadoras que reconfigurem efetivamente a cartografia do presente para além de soluções que, por mais bem-intencionadas, abortam necessariamente porque é a mesma perspectiva micropolítica que as orienta. Reconhecê-lo talvez seja um dos principais legados que nos terá deixado o triste destino das corajosas revoluções do século XX. A confirmação deste destino nos governos tendentes à esquerda na atualidade de nosso continente escancara esse limite e nos faz entender mais claramente que o desafio está em nos deslocarmos para além dele. Entender, sobretudo que esta é a tarefa que se impõe para nós no presente. (ROLNIK, 2015)⁴.

A gênese mais produtora do paradigma que hoje gera essa discrepância entre o avanço e o progresso científico, e entre o avanço moral, ético e humano, podemos traçar, com grandes chances de acerto, dentro da linha histórica, no momento da expansão da colonização. As origens do pensamento colonial carregam o sentido da dominação, do uso da força e do poder violento para imposição de verdades que beneficiem interesses escusos que favoreçam a manutenção dos espaços ocupados de privilégios. Essa lógica se estruturou e impregnou as subjetividades, ao longo dos últimos séculos, em um movimento que é carregado de perversidade e sustentado pelo derramamento de sangue de diversos povos.

⁴ Transcrição de palestra registrada em vídeo, 2015.

Esse paradigma, bem sabemos, domina todos os outros modos de vida e se funda sobre a violência, escravizando povos e tentando de maneira incessante apagar modos de existir que durante milênios sustentaram civilizações ancestrais inteiras. Subjugando esses povos na ponta da espada e na risca da bala, vemos o que o homem branco impõe sobre a história da Terra: o paradigma da escassez e da morte, manchando de sangue o solo que para os povos ancestrais é sagrado.

Escreveu, já há algum tempo, Dom Pedro Casaldáliga (2012, p. 9): Há 500 anos que “o índio é aquele que deve morrer”. 500 anos proibidos para esses povos classificados com um genérico apelido, negadas as identidades, criminalizada a vida diferente e alternativa. 500 anos de sucessivos impérios invasores e oligarquias “herdeiras da secular dominação”. 500 anos sob a prepotência de uma civilização hegemônica, que vem massacrando os corpos com armas trabalho escravo e as almas com um deus exclusivo. Por economia de mercado, política imperial, religião imposta, Bulas e Decretos e Portarias pseudocivilizadas e pseudocristãs. Já se passaram 500 anos para aquele povo (de povos) que tinha que morrer e, mesmo convivendo diuturnamente com várias formas de extermínio, “os Povos Indígenas são aqueles que devem Viver”. (IBERÊ e BAINES, 2018, p. 176)

Nas palavras de Casaldáliga, portanto, os povos indígenas devem viver e clamam pela continuidade da vida. Esse é um debate que desde a chegada do colonizador em terras dos povos originários se fez urgente. Essa urgência é fundante com o processo de colonização, e as vozes que lutam para serem ouvidas, superando a tradição do silêncio (ANZALDÚA, 2000), reverberam como um eco constante por todas as linhas que compõem essa trama em *JOPARÁ* (bagunçada, embolada, misturada) que os *JURUÁ KWERA* (colonizadores, não-indígena) tramaram sobre *YVY RUPA* (essa Terra uma só).

Neste processo, ao negar o “outro”, o “diferente”, a visão eurocêntrica induziu insidiosamente a criação do novo “selvagem”, a partir da transposição para o Novo Mundo de construções de alteridade já existentes no imaginário europeu e, em boa medida, herdadas dos esquemas mentais produzidos pelo pensamento antigo e medieval (IBERÊ e BAINES, 2018 p. 177).

A razão indolente do pensamento colonizador devasta e infringe diretamente a soberania e dignidade dos povos originários ao negar toda cosmovisão desses povos,

seus modos de vida, seus saberes e construções milenares de existência. Ao caracterizar a imagem homogeneizante e construída sobre o pretexto de uma desumanização (os selvagens) dos povos que aqui habitavam desde muito antes de sua chegada, abre espaço para que sobre a sua lógica de dominação execute-se todo um arcabouço de tortura – a vida em detrimento do poder e da lógica de morte.

Quando falamos de homem branco, estamos nos referindo a uma forma específica de pensamento, que é o de obtenção de poder à custa de outros seres, às custas da vida, que vai diretamente contra a lei natural de sua promoção e preservação, regeneração e resiliência que governa toda existência, e está presente no modo de diversos povos originários de conceber a dinâmica da vida.

É fundamental compreendermos as bases que fundam a lógica do capitalismo mundial integrado: nós, passageiros desses séculos, já somos capazes de autoanálise, por vermos estourar as contradições, lógicas perversas se repetirem na história, a truculência, a força e a violência serem a ordem da vez.

Estamos aqui falando de séculos de massacre e genocídio de povos e suas culturas (epistemicídios, memoricídios), bem como dos bens naturais. Roubo da vida e da riqueza da Terra, para salvaguardar egos e o poder ilusório gerado pela ganância e indolência dessa razão ilógica do paradigma da modernidade. Ilógica, pois o único destino certo para onde leva é a seca da fonte da vida.

A industrialização não é necessariamente o motor do progresso, nem a parteira do desenvolvimento. Por um lado, ela assenta em uma concepção retrógrada da natureza, incapaz de ver a relação entre a degradação desta e a degradação da sociedade que ela sustenta. Por outro lado, para dois terços da humanidade a industrialização não trouxe desenvolvimento. Se por desenvolvimento se entende o desenvolvimento do PIB e da riqueza dos países menos desenvolvidos para que se aproximem dos mais desenvolvidos, é fácil mostrar que tal objetivo é uma miragem dado que a desigualdade entre países ricos e países pobres não cessa de aumentar. Se por desenvolvimento se entende crescimento do PIB para assegurar mais bem-estar às populações, é hoje fácil mostrar que o bem-estar das populações não depende tanto do nível da riqueza quanto da distribuição da riqueza (SANTOS, 2002, p. 17).

Com essa miragem falida de desenvolvimento, o que vemos é um avançar da degradação, ficando latente a necessidade de pensarmos alternativas ao desenvolvimento, e chegarmos a entendimentos do que compreendemos que venha a ser o desenvolver dos povos (SANTOS, 2002).

Dentro da concepção retrógrada da natureza e a falácia da noção de progresso construída dentro desse paradigma que se globalizou, o que constatamos claramente é uma atribuição de um novo protagonismo outorgado ao ser humano (MARKUS, 2018), pois esse é compreendido como ser separado da natureza, e, portanto, propenso a dominar e manipular essa.

A necessidade latente de que conheçamos os procedimentos, o modo operante desse sistema vigente e dessa lógica impressa na sociedade contemporânea hegemônica, é fundamental para que a partir desse entendimento coloquemos em movimento a subversão, e utilizemos de nossa inteligência prática, com engenhosidade nos diversos espaços de conhecimento, beneficiando o sistema com a potência de criação a galgar os espaços e tempos em que tenhamos a possibilidade de reinventar nas relações cotidianas os sentidos da cooperação, que é o ponto de inflexão e uma das chaves para resgatarmos uma condição existencial humana, que nos liga à nossa natureza biológica, de promover a vida e sustentá-la. Assim, como afirmam Maturana e Varela (1995, p. 262),

Se sabemos que nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontramos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, mas a de considerar que o nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido como o de nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável. Caberá, portanto, buscar uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir um mundo.

Os processos de constituição da subjetividade não se dão de maneira individual, mas sim, implicada em um processo coletivo. Essa compreensão também é fundamental para a superação das marcas do pensamento da modernidade, pois o individualismo, a constituição do “eu” dentro da lógica da competitividade, é ponto chave para que a dominação aconteça, e essas forças invisíveis penetrem com êxito, no dividir para conquistar.

Refere-se à constituição das formações sociais, de suas produções materiais, dos modos de cooperação, que produzem/inventam modos de ser, modos humanos de existência, pensando a vida como potência de criação-experimentação-expansão (BARROS, 2004 p. 94).

Ao subjugar a criação, a diversidade contida nos modos de fazer, o modo de produção capitalista gera a homogeneização da existência, modula os processos inventivos a favor de sua lógica, e a produção de repetição é o que engendra o seu funcionamento. Alienando os processos de elaboração e criação dentro desse modo operante é o que abre o espaço para o domínio de corações e mentes, capturando o que há de mais precioso: a individualidade, que gera diversidade e cria as possibilidades de existência.

Um dos principais pontos problemáticos dentro desse processo que dá a sustentação do capitalismo mundial integrado é a produção de subjetividades amorfas que, ao serem capturadas são moldadas ao interesse do capital, transformando o ser humano em objeto animado – com dificuldade de sentir em seu corpo em coma (ROLNIK, 2002) as forças que o dominam –, e assim impossibilitando o cultivar de resistências a todas essas técnicas de controle (BARROS, 2004), pois captura a criação.

No que tange a modernidade ocidental, é possível identificar como uma problemática central as questões em torno da regulação e da emancipação social (SANTOS, 2007). É uma sociedade que se funda basicamente entre experiências infelizes, ruins, desiguais e opressoras e a expectativa de dias melhores. Sendo que essa expectativa ao mesmo tempo em que é latente, sua gênese não vinga, pois é acobertada pelos excessos de determinismos, produzidos a cada instante pela lógica vigente.

A necessidade de darmos contornos mais consistentes sobre as epistemologias em processo de surgimento, de devir, é grandiosa. A emersão de paradigma que consiga dar conta da investigação e principalmente das expectativas globais, devido à cada vez mais viva compreensão de nós, como cidadãos cosmopolitas, com características locais particulares com toda diferença produzida a serem levadas em consideração, nos faz ver o que temos em comum com outros cidadãos do mundo? Afinal, o que nos une?

Figura 4 – Faça seu pedido, continue a sonhar



Fonte: Foto de Cláudia Andujar junto ao povo Yanomami, sem título, da série 'Catrimani' de 1971.

A nossa capacidade de sonhar, eclipsar novas formas de viver no mundo, nos estimula no movimento, na caminhada. Esperançar: tem a ver com criar, e isso só se dá conjuntamente, em comunidade. Paulo Freire (2001, n.p.) assim coloca:

É preciso ter esperança, mas tem de ser esperança do verbo “esperançar”, porque tem gente que tem esperança do verbo “esperar”, e essa não é esperança, é pura espera. Ah, eu espero que dê certo, eu espero que funcione, eu espero que aconteça[...] Isso, repita-se, não é esperança, mas um mero aguardar passivo. Esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir; esperançar é procurar em nós e à nossa volta as sementes que urge exterminar, de forma a limpar terreno para proteger o Futuro e acolher a Vida com mais plenitude

Dentro da lógica da modernidade ocidental, que representa uma localidade que se globalizou com êxito (SANTOS, 2007) é tarefa urgente dos que se propõem em encontrar as saídas possíveis para a crise civilizacional, identificar os pontos de inflexão em que se deem as mutações dos pensamentos e alavanquem os novos patamares existenciais – esperançar.

Enquanto pesquisadores/pensadores/desbravadores buscamos renovar a nossa forma de pensar, escrever, falar, olhar para o outro e para o mundo – a pesquisa nos auxilia no movimento de reajustar as lentes. Procuramos pensar, escrever, falar, olhar com o outro e com o mundo. Vivemos em um país que se funda

a partir do pensamento colonial, de formas de pensar que penetram na subjetividade e conformam a nossa cognição para que tenhamos lentes para observar a realidade a partir desse pensamento colonialista.

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a Terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade. Por que tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, orgânica, uma sub-humanidade, dessa gente que fica agarrada com a terra (KRENAK, 2019, p. 22).

O primeiro passo é descolonizar esse pensamento, libertar essa colônia do pensar – formar QUILOMBOS e TEKOHAS e minimamente buscar realizar caminhos cognitivos que estejam em conexão com raízes do pensamento ancestral, o qual consideramos carregar sentidos mais aproximados do que podemos chamar de uma naturalidade humana, não ingênua e não em um sentido de buscar uma “natureza humana comum a todos”, mas de entendermos mais profundamente como se conforma nosso modo de pensar e também de resgatar um paradigma ancestral, que é nossa condição humana de seres biológicos, compostos de matéria orgânica. Assim como as árvores, os rios, o sol, a lua e as estrelas, nossa composição é a mesma, portanto, somos seres naturais.

A natureza, na opinião de Francis Bacon, tinha que ser “*acossada em seus descaminhos*”, “*obrigada a servir*” e “*escravizada*”. Devia ser reduzida “*à obediência*”, e o objetivo do cientista era “*extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos*”. Suas ideias provocaram uma mudança no espírito da investigação científica que se por um lado, trouxe avanços no campo da engenharia, medicina, saúde, biologia, tecnologia, trazendo conforto e benefícios, por outro, nos últimos trezentos anos, trouxe à humanidade, prejuízos incalculáveis, com a exploração sem limites da natureza: como o desmatamento, a utilização sem critério dos rios e mares, exploração dos espaços aéreos e terrestres trazendo-nos à beira de um colapso mundial, forçando a humanidade no século XXI a rever suas prioridades e mudar extremamente sua visão sobre o mundo e principalmente seu comportamento, na exploração dos recursos naturais e na convivência com o nosso planeta. (CAPRA, 1982 p. 42)

Esse é o pensamento chave que funda essa ilógica razão indolente (SANTOS, 2000) da modernidade ocidental. Ela sustenta a degradação dos bens naturais e, com isso a dos valores. Invertendo o mundo a seu benefício, produz o egoísmo gerado

pelo distanciamento da natureza, imprimindo no sentimento humano a lógica da escassez, competitividade individualista e um poder ilusório de dominação do funcionamento da vida.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (KRENAK, 2019, p. 22).

*O fogo da morte passou no corpo da terra,
secando suas veias.*

O ardume do fogo torra sua pele.

A mata chora e depois morre.

O veneno intoxica.

O lixo sufoca.

A pisada do boi magoa o solo.

O trator revira a terra.

*Fora de nossas terras, ouvimos seu choro e sua morte
sem termos como socorrer a Vida [...]*

Trecho de carta dos Guarani-Kaiowá publicada em 17 de março de 2007.

Quando falamos de povos originários, estamos buscando resgatar uma compreensão da natureza em sua imanência como o espaço do sagrado. O divino para esses povos está intimamente ligado ao viver, ao fazer cotidiano. Tudo o que rodeia é sagrado e todos os acontecimentos são permeados pelas forças que governam toda a vida. Ou seja, na cosmovisão desses povos tudo está integrado dentro de uma mesma inteligência, um mesmo modo de funcionamento da vida.

Assim, a dominação da natureza e sua exploração, agride o próprio sentido da existência e impossibilita a vida. Estão instaurados no viver desses povos os valores intrínsecos da *Alma selvagem*, que modula a sua vida de acordo com as leis da natureza. O transformar dessa natureza só faz sentido se levar em consideração a própria sustentabilidade da vida.

Portanto, o que sustenta é o paradigma da abundância gerada pela cooperação – sentido ancestral, que foi dominado pela razão do colonizador e subjugado pelo extermínio de modos de vida que fogem da ilógica monocultura do saber.

Obviamente, importa socializar os conhecimentos, aumentar a massa crítica da humanidade e democratizar os processos de empoderamento dos cidadãos. Certamente o saber é imprescindível. Sem ele não debelamos os figadais inimigos da humanidade como a fome, a doença e a incomunicação. O saber nos confere poder. O

saber e o poder nos levaram à Lua e já para fora do sistema solar. Mas a serviço, de que projeto de ser humano, de sociedade e de mundo, utilizamos o poder da ciência e da técnica? A resposta a essa questão pede mais que ciência e técnica. Exige uma filosofia do ser e uma reflexão espiritual que nos fale do Sentido de todos os sentidos e que saiba organizar a convivência humana sob a inspiração da lei mais fundamental do universo: a sinergia, a cooperação de todos com todos e a solidariedade cósmica. Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de sempre mais aprender. Mais do que poder necessitamos de sabedoria, pois só esta manterá o poder em seu caráter instrumental, fazendo-o meio de potenciação da vida e de salvaguarda do planeta (BOFF, 1999, p. 7).

A nossa busca coletiva por múltiplas alternativas, rotas de fuga, não pode ignorar os grandes desafios globais. É urgente, reorientar as rotas para que possamos satisfazer necessidades prementes dos povos da Terra. Assim surge o Bem Viver, como possibilidade, “apesar de reconhecermos a extrema dificuldade para se construir o Bem Viver em comunidades imersas no turbilhão do capitalismo, acredita-se que há muitas possibilidades de começar a praticá-lo” (ACOSTA, 2016, n.p.). Surge como visões utópicas, e vemos que se manifesta no sentido de impulsionar a vida, recompondo a natureza das coisas em seu lugar, centrada na autossuficiência e na autogestão, na comunidade e cooperação.

Porque o território é sagrado. Nós não somos donos da Terra, nós somos a Terra. O direito congênito, natural e originário é anterior ao direito da propriedade privada. Não estamos lutando por reforma agrária. Pelo fato de nós sermos a Terra, temos o direito de estarmos na Terra e o direito de proteger o que chamamos de sagrado, a natureza, é ela que nos nutre e nós a nutrimos à medida que a protegemos. Fazemos isso para proteger o nosso sagrado, e a natureza e a Terra são sagradas. Trata-se de uma luta por um direito natural. (Casé Angatu Xukuru Tupinambá, 2018).

A mudança de paradigma, só se dará quando mudarmos em princípio nossa subjetividade colonial. Ajustar as lentes com as quais observamos, entendermos e elaboramos a realidade, compreender a cosmovisão dos povos originários, buscar o olhar desses povos, o entendimento e como vivem no mundo, é um importante passo em direção a essa re-configuração de nossas meta-formas em desassossego.

Mais do que isso, entretanto, para que possamos compreender as implicações do bem-viver, que fundamentalmente não podemos comparar com o que costumeiramente chamamos de “bem-estar ocidental” (ACOSTA, 2016), devemos recuperar a cosmovisão dos povos e nacionalidades indígenas, como essas

coletividades originárias são complexas e formadas por múltiplas identidades que são muito diferentes dos setores da sociedade ocidental contemporânea. Elas possuem sistemas próprios de organização política, social e econômica, modos de vida singulares a partir do território que ocupam e da relação que estabelecem. Por mais que compartilhem características fundamentais e essenciais em comum, existem elementos que os caracterizam de maneira singular.

Na fala de Casé Angatu Xukuru Tupinambá ele declara que os povos indígenas, em toda sua diversidade étnica, são a Terra, nascem dela, e a compreendem como elemento fundante, ligado à gênese de todas as coisas viventes. A existência da Terra está intrinsecamente ligada à existência de nós seres componentes dela. Tendo isso como ponto de partida determinante para que possamos começar a desenhar as linhas que compõem as formas de compreender a vida e a existência desses povos, é uma pista fundamental que seguimos na trajetória desse trabalho.

2.1 Crise: um lugar de criação

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora (BARROS, 2003 p. 17).

O ato de escovar ossos, que chamou a atenção de Manoel de Barros quando criança, o afetou, gerou uma marca que reverberou quando o ouvimos dizer “Logo pensei de escovar palavras”. O poema foi inspirado ao descobrir que aqueles homens ali sentados a escovar ossos, eram na realidade “arqueólogos”, e que buscavam

nesses ossos os “vestígios” de antigas civilizações, e faziam isso por amor. Ora “Arque” é a imagem primordial, a origem, o registro do que está arquivado na memória dos ossos, logo Manoel de Barros quis escovar também as palavras, resgatar as memórias passadas e as memórias ainda não vividas por elas, o seu sentido, o que trazem consigo de sua origem.

A imagem das palavras, o seu signo, nos traz a ideia de “fonte”, de onde tudo se renova – o que dá vida: “escovam o osso, aparentemente inerte e morto, para fazer nele viver o ‘arqué’.” As memórias contidas, o arquivo do que está registrado, trazido para gerar o novo no presente. Citando Foucault, Souza (2010, p. 18) confirma:

A Arqueologia do Saber, Foucault mostra que o saber é prática de construção de “arquivos” que co-existem sem se sucederem em progressão. No exemplo de Manoel de Barros, os arqueólogos descobriram que havia, naquele osso, algo arquivado: arquivado não como um papel em uma gaveta, já que, nesse caso, o que está arquivado é o próprio osso como arquivo, como signo, como sentido. O tempo estava arquivado nele, e ele, o osso, estava arquivado no tempo. E este tempo não é o passado no qual aquele osso foi esqueleto, já que se trata também do tempo no qual ele é descoberto como arquivo. Um osso não é apenas um osso, quando nele descobrimos um arquivo. Outrora ele fazia parte de um esqueleto escondido sob pele e músculo. Hoje, como arquivo, percebe-se que ele faz parte do universo inteiro, e sobre este ensina. O osso vira um documento: *docere*, aquilo que ensina.

O poeta, assim, ao escovar as palavras, nos revela sua imagem primordial, sua alma, a essência e sentidos. Ao ser escovada, não manifesta apenas o que está arquivado em sua memória vivida, nos revela também as possibilidades de seu uso nas memórias do vir a ser, sua imanência, em constante invenção. A palavra escovada, ao refletir sua “arqué” é também anunciante da boa nova. Por isso, a imagem de fonte, que dá vida, que coloca movimento. A palavra viva.

Pois é disso que a gente se esquece: do novo. Nesse sentido, a percepção utilitária, aquela que busca sempre o “já visto” em todo ver, tal percepção também precisa ser escovada, para que assim de fato possamos deixar nascer em nós a memória daquilo que a todo tempo nasce, e que somente pode ser visto por uma “visão fontana”, uma visão que também é fonte do que vê (SOUZA, 2010, p. 19).

Pois bem, nos colocamos assim como o poeta a realizar *Poiésis*, produção. E escovar a palavra “Crise”, pois esta saltou à frente de todas no momento em que os

pensamentos passavam, se fez recorrente, se deu importância e guiando os primeiros passos, orientando por onde iniciar o navegar dessa pesquisa.

Aqui talvez, o sentido restrito da palavra crise deva deixar de ser, como na acepção latina, sinônimo de desequilíbrio causado pelo descompasso entre produção e consumo, corrigível por ações pontuais e curativas e assumir o sentido dado pelos gregos de possibilidades e necessidades de se fazer escolhas. *Krísis* no grego é a “ação ou faculdade de distinguir e tomar decisão, por extensão é o momento decisivo, difícil de separar, decidir, julgar” (BARROS, 2009, p. 2).

Crise, portanto, seria o convite à mudança, a porta que se abre, ponto de bifurcação, decisão para a transformação? Um ponto onde a construção da crítica (do grego, *Kritike*), arte de julgar e avaliar, momento crítico, passar pelo crivo e encontrar os melhores critérios para escolha com sabedoria. Ambas as palavras “crise” e “crítica”, possuem a partícula (indo-europeia) *krei, que significa “separar, peneirar”. Daí, vem também as palavras “critério” e “crivo” (BARROS, 2009). Raízes comuns de dizeres que ao se desenharem na trama da vida, nos elevam a sentidos de mudança profunda e conexão com a potência que carregam de produzir singularidades.

Na psicologia, a crise pode ser compreendida como situação em que ocorrem mudanças em níveis biológico, psicológico e social, podendo gerar ruptura na homeostase psíquica, perda e/ou alterações abruptas, rápidas nos elementos que estabilizam habitualmente o indivíduo ou grupo (LORDELO, 2011). Toda crise conduz necessariamente a um aumento da vulnerabilidade, e a intensidade do estresse vivenciado é o que irá determinar as consequências e suas sequelas, a depender da capacidade de adaptação e reação. A crise é vista nesse campo da ciência, como um momento de crescimento, evolução, em busca de novos equilíbrios, de reforço da pessoa e sua capacidade de reação frente às adversidades (LORDELO, 2011).

Dentro da teoria sistêmica (CAPRA, 2003), a crise é entendida como uma perturbação temporária dos mecanismos de regulação de um sistema, podendo ter origem em causas internas ou externas. Dessa forma, conforme Capra (2003, p. 23),

A dinâmica das estruturas dissipativas caracteriza-se em específico, pelo surgimento espontâneo de novas formas de ordem. Quando o fluxo de energia aumenta, o sistema pode chegar a um ponto de instabilidade, chamado de ‘ponto de bifurcação’, no qual tem a possibilidade de derivar para um estado totalmente novo, em que podem surgir novas estruturas e novas formas de ordem.

Na teoria da autopoiese, dos processos e padrões de organização dos sistemas vivos, esses sistemas (abertos) são entendidos como estruturas dissipativas (PRIGOGINE e STENGERS, 1979), que se desenvolvem e evoluem – a vida dilatando-se constantemente na direção da novidade. Aqui, neste entendimento, a “crise” seria um instante de perturbação, o ponto onde essa estrutura dissipativa irá vibrar e aumentar a energia, portanto diferenciar-se em formas novas. Essa é uma propriedade fundamental dos sistemas vivos, de sua “auto-organização” e emergência, como surgimento de novas configurações (CAPRA, 2003).

Com isso, a crise seria um ponto fundamental dentro da teoria sistêmica para que haja criação, desde as unidades separáveis móveis (ROLNIK, 1993), que compõem o sistema, até a complexidade formada por essas unidades em rede, que se convergem para novos estados, transformando a forma, produzindo mutações existenciais.

Encontramos aqui um ponto de bifurcação, ou seja, um ponto crítico em que as flutuações de energia geradas pelas unidades do sistema, ao interagirem, podem conduzir a um estado novo, nos demonstrando a potencialidade do sistema em ser atraído para um estado de menor entropia – menor caos. O que podemos compreender, associando essa teoria das estruturas dissipativas, oriunda dos avanços da Química, Biologia e Física moderna, é que os sistemas abertos possuem uma irreversibilidade nata, e que são, portanto, produtos de sua história (SANTOS, 2002). Assim,

A importância desta teoria está na nova concepção da matéria e da natureza que propõe uma concepção dificilmente compaginável que herdamos da Física clássica. Em vez de eternidade, temos a história, em vez do determinismo, a imprevisibilidade, em vez do mecanismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização, em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução, em vez da ordem, a desordem, em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (SANTOS, 2002, p. 73).

Essa compreensão da crise como possibilidade de mutação da subjetividade foi fundamental para esboçar as linhas que compõem este trabalho. Afinal, o que está em questão é a maneira de se viver daqui em diante sobre esse planeta.

Não haverá verdadeira resposta à crise a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (GUATTARI, 1996 p. 9).

Essa revolução deverá atuar nas relações de forças visíveis e também nas que compõem o que chamamos de “virtual”, domínios moleculares da sensibilidade e do desejo.

Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança (BOFF, 1999, p. 4).

Essa mutação, mudança radical (de raiz), é tarefa de nós, filhos desse tempo, realizarmos. A crise, escancarada diante de nossos sentidos, mostra, muitas vezes de maneira dolorosa, os resultados da ação sem a consciência integrada com a natureza, nos colocando diante da urgência de darmos conta, enquanto seres atuantes no mundo, de resolver as arestas deixadas, lapidar a realidade de acordo com essa visão que renasce, pois de certa forma trata-se de um antigo novo olhar. É como olhar de onde se está para um vir a ser espelhado no passado, viagem entre as dimensões de tempo-espaço do existir.

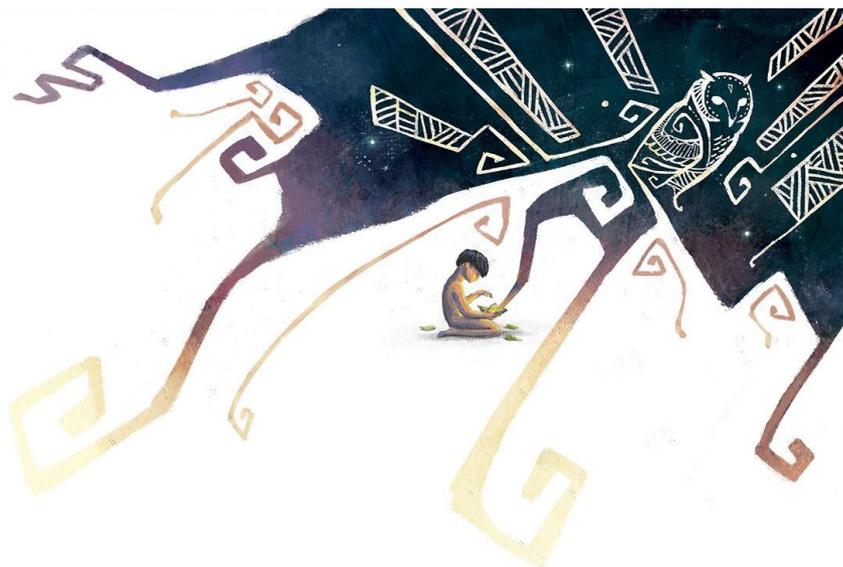
[...] a burguesia sente que sua vitória histórica está consumada e ao vencedor consumado não interessa senão a repetição do presente. [...]. É por isso que, em minha opinião, não podemos voltar a pensar a transformação social e a emancipação sem reinventarmos o passado. O que proponho [...] é uma nova teoria da história que nos permita voltar a pensar a emancipação social a partir do passado, e, de algum modo, de costas viradas para um futuro supostamente determinado. (SANTOS, 2010: 52-53).

Boaventura de Sousa Santos (2010) defende que vivemos em um tempo de repetição, que é o que permite ao presente se alastrar ao passado e ao futuro, suprimindo suas chances de existir.

Olhar para a ancestralidade na contemporaneidade, acreditamos ser uma tarefa dos corações despertos, afinal ela nos compõe, corre em nossas veias, atravessa nossos corpos e nossas vidas cotidianamente. É mais importante nos perguntarmos por que é mais fácil para a dita humanidade e para o abuso, que chamamos de razão, acreditar que somos indivíduos que necessitam competir, do que vislumbrar as conexões ocultas e acreditar em *Yvy rupá* (Terra uma só)?

É preciso constelar nosso vir a ser... Dar luz às estrelas dançantes.

Figura 5 – Ser é conhecer



Fonte: Lendas Indígenas, 2014. Ilustração de Bruno Gomes.

A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade (KRENAK, 2019, p. 30).

Reconhecer nossa capacidade imaginativa, recontar a história e reinterpretar o mundo nos ajuda a caminhar com referência histórica não homogênea. O que pode nos guiar por essas possibilidades é olhar para a diversidade de modos de ser que existem por aí, como diz ainda Krenak (2019): “[...] não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte de um todo. Isso talvez tire a vaidade da humanidade que pensamos ser [...]”. Olhar para os povos originários é também buscar a inspiração, outras referências para constituirmos nossas subjetividades.

[...] O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado. [...] A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições

e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. (BOFF, 2004, p.1).

A construção do conhecimento é uma tentativa de construção de novas vias, viver a vida é conhecer, está instaurado no viver, assim como respirar é vital! Elaborar uma nova visão para a nossa existência na Terra é um sentido pelo qual podemos nos unir, encontrar sentido em comum para remarmos na mesma direção dessa embarcação planetária. Além disso, o sentido de construção desse conhecimento, só tem vitalidade quando voltado para boa vida, para a alegria, para o belo viver (*teko porã*).

Compreendemos, até aqui que esse estado coletivo de *crise*, pode ser o ponto a partir do qual há a possibilidade de reelaborar os mapas mentais, redesenhar roteiros, restaurar os planos experimentados pelo passado (MADURO, 1994), em vias de acesso para novos patamares de existência.

3 Aproximações com a cosmovisão Guarani: dialogando com Guaranis

Figura 6 – A luz de Nhanderu



ARA YMÃ - Tempos primordiais

*Nos primórdios não havia nada,
era um lugar sombrio.
Havia somente o oceano primitivo,
lava.*

*Não havia vidas sequer.
Ainda não existia a Terra,
nem o sol,
nem a lua,
nem as estrelas.*

*Permanece a noite originária.
Nhanderu nhamandu tenondegua
Nhamandu, nosso primeiro pai
Uma luz infinita
surge.*

*Através da noite originária,
surge*

*Nhamandu Tenondegua,
nosso primeiro pai divino,
com sabedoria infinita
e com amor infinito.*

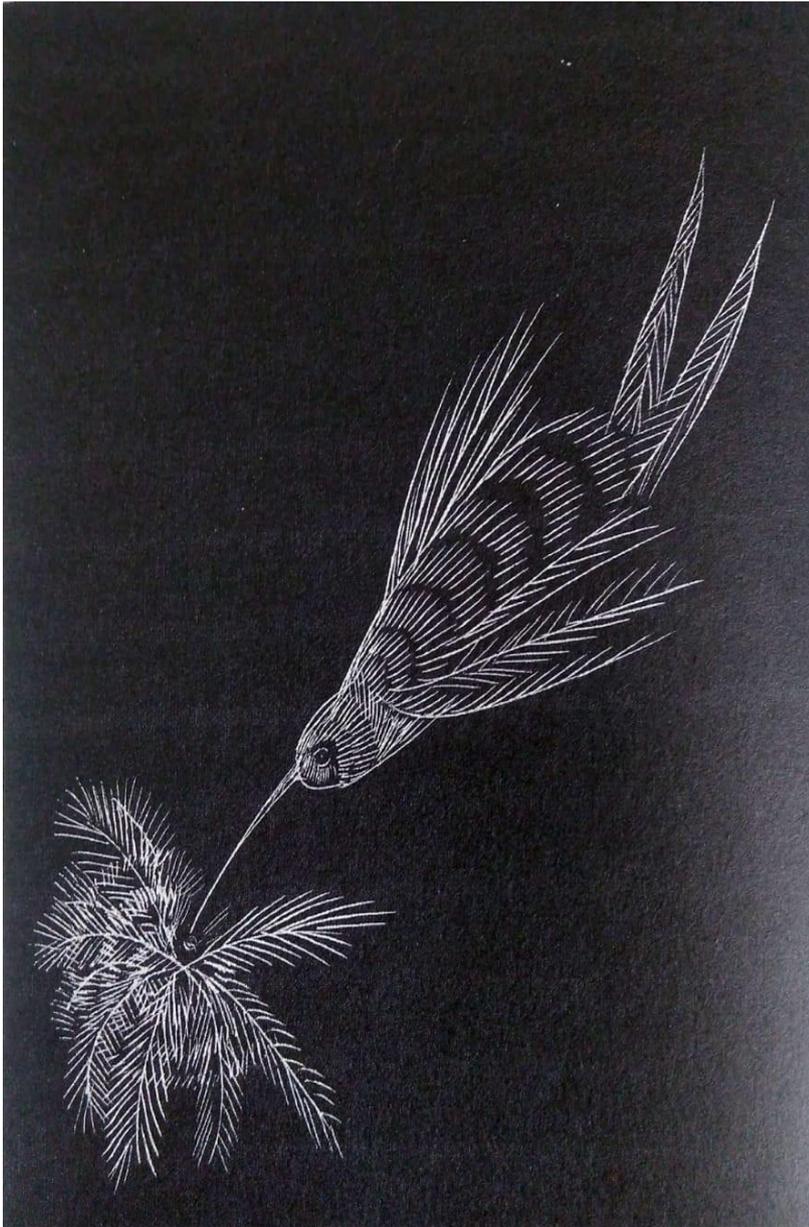
*Nhamandu gerou apyka
Assento divino.*

*Nele surge o cocar divino de
plumas,
enfeitado com orvalho de flores:
jeguaka poty yxapy rexa*

Timóteo da Silva Verá Tupã
Popyguá, 2017, p.15.

Fonte: Anita Ekman retirada do livro *Terra uma só*, 2017 p.14.

Figura 7 – Colibri, a ave do Amor



*Por entre as plumagens de
flores,
maino
o pássaro primitivo,
o colibri,
voa no meio da noite
originária.
Uma luz infinita vem da
sabedoria divina e
do amor infinito de Nhamandu.*

Fonte: Anita Ekman retirada do livro *Terra uma só*,
2017 p.16.

Figura 8 – Sabedoria de Nhanderu



Enquanto Nhamandu, o primeiro pai divino, onhembojera, se desdobrava na noite originária, ele ainda não sabia como seria o futuro do universo e do firmamento e onde seria sua futura morada celeste. Enquanto isso, o colibri, o pássaro primitivo oferecia o néctar do orvalho das flores para alimentar o seu criador Nhamandu. Nosso pai Nhamandu ainda não havia gerado a Terra. Mesmo não havendo sol, Nhamandu, o detentor da aurora, iluminava a noite originária com a luz do seu próprio coração. Com sua sabedoria divina, o verdadeiro pai Nhamandu

vivia no meio do vento originário e descansava. Enquanto isso, fazendo a escuridão, urukure'a, a coruja, dá origem ao crepúsculo e à noite. Nosso pai verdadeiro, Nhamandu, ainda não havia criado sua morada celeste e também ainda não havia criado a primeira Terra, Yvi tenonde. Vivia no meio do vento originário, Yvytu yma'ï. Nesse lugar, nosso pai ficou durante o seu desdobramento. Da sabedoria de Nhamandu, da sua chama e da sua neblina divina, nascem as belas palavras, ayu rapyta. Ele é o dono da palavra. Ainda não existe a Terra, nem mesmo todas as coisas que vão se reproduzir no mundo. Todavia, permanece a noite primitiva. Depois de ter criado a origem das belas palavras, Nhamandu criou a fonte do amor infinito e mborai, o canto sagrado. A Terra ainda não existe, permanece a noite primitiva. Nhamandu, depois de ter criado as três origens divinas - ayu porã rapyta, a origem das belas palavras, mborai, o canto divino, mborayu miri, o amor infinito, gerou aqueles com quem iria dividir estas três fontes divinas de sabedoria infinita. (Timóteo da Silva Verá Tupã Popyguá, 2017, p.18).

Os Guarani são uma das etnias mais numerosas do Brasil. Cerca de 200 mil vivem em aldeias (*tekohas*) ao longo da costa sul e sudeste do país, no Mato Grosso do Sul e na Argentina, Uruguai e Paraguai. Estima-se que uma população na casa de 85 mil pessoas segundo ISA - Instituto Socioambiental, em 2016 (MELIÀ, 2016) vive em território que nós, *Juruá* (não-indígena, como os Guarani Mbya se referem), chamamos hoje de Brasil. Digo isso pois, nos encontros que tive com guaranis, foi recorrente esse modo de se referir ao território. Mais adiante essa concepção guarani de *YVY RUPA* - A Terra uma só, será apresentada de modo mais aprofundado.

Figura 9 – Proporção populacional do povo Guarani por país



Fonte: (ISA, 2016).

Apesar de transparecer, em princípio, uma população numerosa, a presença guarani já foi muito maior. De acordo com estimativas de Pierre Clastres (1978), a população dessa etnia no século XVI chegava a um milhão e quinhentas mil pessoas.

Antes da chegada dos europeus, a grande família ou nação Tupi-Guarani, ocupava uma vasta região que, de maneira descontínua, descia pelas costas do oceano Atlântico desde a desembocadura do Amazonas até o estuário Platino, estendendo-se rumo ao interior até os contrafortes andinos, especialmente em volta dos rios (SAGUIER, 1980, p.9).

Essa expansividade característica desses povos é uma idiosincrasia que requer explorar aqui, pois ela se relaciona intimamente com a cosmovisão, refletindo na forma de ocupar o espaço e conceber a existência, que pode nos indicar possíveis respostas estratégicas dadas por esses povos, que garantiram de alguma forma uma

capacidade de manter suas tradições e costumes, o “modo antigo de viver”, mantendo seu modo de vida através da reinvenção, recriação no tempo-espaço. O que sustenta a vida Guarani? Onde encontram os caminhos para essa resistência? Essa é a reflexão e busca de inspiração com as quais temos nos encontrado, como podemos nos inspirar e encontrar estratégias juntos para as rotas de fuga dessa lógica mordaz na qual mergulhou essa contemporaneidade – juntos juruá kwera... guarani, entre outros povos do mundo. Acreditamos que aprendendo, juntos, e formando alianças, podemos ir mais longe, encontrar possíveis soluções para nossos desafios terrestres contemporâneos.

Para nos sincronizarmos nessa conversa-busca se faz necessário compreendermos brevemente a historiografia e etnografia que sustentam os debates teóricos, principalmente o que os próprios Guarani vêm produzindo dentro dos espaços acadêmicos e, também nos registros do que dizem seus *xeramoís* e *xejaryis* (anciãos e anciãs).

Então, o desenho que realizo aqui é o tecer de uma conversa entre a produção antropológica, materiais didáticos produzidos junto a Guarani, falas de Guarani registradas em trabalhos, conferências, livros e literatura indígena (preferencialmente Guarani).

Além disso, parte da inspiração das reflexões aqui apresentada foi fruto de respiro coletivo, realizado durante a participação do II Seminário Internacional de Etnologia Guarani na Universidade de São Paulo em setembro de 2019. Durante cinco dias, estivemos reunidos – Juruá Kwera e Guarani – em diálogos, rodas de conversa, mesas de debate e conferências, reuniões de articulação política e rodas de rezo: o que ressoou foi a força da união através do fortalecimento dessas alianças, a generosidade da troca e partilha de saberes-fazeres, a reafirmação da luta e a retroalimentação necessária para os enfrentamentos.

O que fortemente me marcou durante essa vivência foi o orgulho transparecido pelas falas da resistência por mais de 500 anos de contato, como ouvi de uma jovem Guarani: “*Para nós maior orgulho é quando tem um xeramõi que não fala português, ou se fala é muito mal*”. Isso, para ela, marca a força desse povo em preservar sua sabedoria, e a busca em reafirmar o compromisso de *TEKO PORÃ* – belo-viver, que vem dos ancestrais como um sopro, um esperar e guiança dos passos a seguir – sonhando com terras livres. “Seres do devir, para os Guarani a destruição do mundo

não é um termo, mas uma linha de fuga que os arrasta para um além sempre adiado – e isto é o presente. Melancolia, ou orgulho, deste povo imperceptível?” (CASTRO, 2002, p. 38).

Antes de prosseguirmos para realizar o movimento de aproximação dessas existências, quero esclarecer que esta pesquisa, com caráter cartográfico, não tem intenção de esgotar debate, aprofundar nas etnografias e historiografias acerca dos Guarani, também não tem aqui o intuito de se estender no debate teórico oriundo desses levantamentos de séculos de contato, mas de buscar trazer questões para iniciar o movimento do pensamento em relação à forma como temos nos relacionado com esse conhecimento – sabedoria identificada e ressaltar, através do enfoque e das informações levantadas, algumas pistas encontradas para nos auxiliar com esses pensamentos e questões –, como já mencionado anteriormente.

A busca aqui é por meio do material com o qual me encontrei e também com as experiências vivenciadas até aqui, realizar uma conversa com esses atravessamentos, na tentativa de realmente ressaltar e enaltecer essa sabedoria, aprender com ela, buscando assim sair da programação neocolonial de nossas mentes, encontrando as rotas de fuga ⁵dessa lógica que sustenta o modo operante do mundo, que interfere na existência de todos ocupantes dessa embarcação planetária.

Dentro daquilo que chamamos de cosmovisão dos povos indígenas, em especial Guarani, temos como cerne da compreensão da existência presente, o olhar para o passado. Através do olhar para o passado é que o povo Guarani desenha seus modos de vida e estabelecem os passos para o futuro, conectados com os valores da tradição que se reatualiza no tempo através do sentido imanente e busca por reproduzir no tekoha – território existencial, lugar onde habita o seu *teko porã*: modo de vida, vida boa, bem viver.

Olhar para o tekoha guarani e buscar encontrar as pistas que nos revelem o seu *teko porã* é fundamental nos tempos que correm. Compreender a resiliência e forma de habitar o mundo, que é a costumeira desse povo, pode nos indicar as possíveis rotas de fuga para a crise que enfrentamos. Afinal, pisamos sobre a mesma terra, e a tradução desses modos de vida contornam com grande perspicácia a razão

⁵ Conceito tratado por Deleuze e Guattari (2011): “Linhas de fuga são linhas de ruptura, verdadeiros rompimentos que promovem mudanças bruscas muitas vezes imperceptíveis”

indolente predominante nas sociedades contemporâneas e também sua lógica da monocultura do saber (SANTOS, 2000).

Buscando revelar a ecologia de saberes presentes no *teko porã* guarani poderemos ver como existe uma diversidade de maneiras de se viver no mundo e de co-existir com os fluxos da Natureza de maneira integrada, inspirando nossa vida e compreensão para driblarmos o pensamento colonial, através da identificação dos princípios que sustentam a cosmovisão desse povo. Olhar mais de perto para essas existências no sentido de buscar aprender, olhar através das lentes dos Guarani, esse é o convite e a tentativa de brotar em nossos corações novas rotas para afirmar a vida.

3.1 Conhecendo os Guarani: *Nhandevá* - “O que somos nós”, de onde viemos, para onde caminhamos...

Os Guarani que habitam o que chamamos de Brasil, têm sido classificados pela literatura etnográfica em três grupos - Kaiowá, Nhandéva ou Xiripa, Mbya (LADEIRA, 2001). Os Kaiowá contam com aproximadamente 43401 mil pessoas e estão localizados no Mato Grosso do Sul; o grupo Nhandéva com 8596 mil membros ocupa o interior e o litoral de São Paulo e o Mato Grosso do Sul; e os Mbya, ocupam os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e contam com 8 mil pessoas (IBGE 2020). No Paraguai, o que corresponde por Kaiowá e os Nhandéva / Xipira são conhecidos como Pai/Tavyterã e Ava - Xipira, respectivamente (LADEIRA, 2001).

Essas diferenças marcadas e a classificação utilizada a partir, sobretudo, de Schaden (1974), estão baseadas nos dialetos, costumes e práticas rituais. Sabemos, no entanto, que não se dá conta de definir a complexidade das relações desses povos por ser generalizada, mas é aceita principalmente por diferenças acentuadas pelos próprios guaranis.

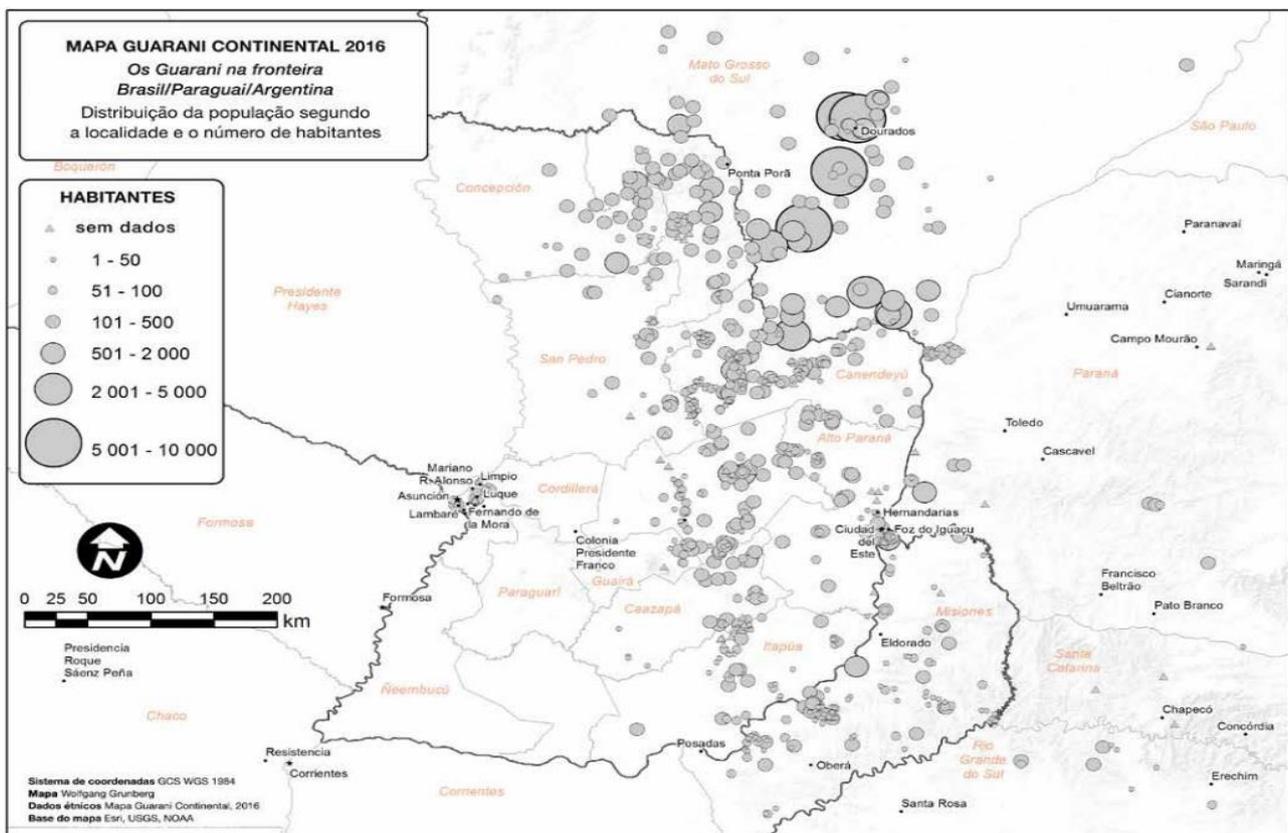
Quando Nhanderu Tenonde (nosso pai primeiro) construiu esse mundo, ele disse: meus filhos que vão estar nesse mundo vão ter que se separar. O mundo é muito grande. Por isso vão ter que se separar e deverão caminhar [...] Eles andaram para o bem. E se separaram, cada um com suas famílias. (LADEIRA, 2001, p. 153)

Os Mbya e os Nhandéva, comumente, autorreferenciam-se como os autênticos Guarani, e os Kaiowá se autodenominam como tal, marcando essa diferenciação que

nos indicam as etnografias, é gerada pelos movimentos da expansão de seus ancestrais (LADEIRA, 2001). No Mato Grosso no que se refere aos Nhandéva, entre eles e Kaiowá, são somente Guarani. Quando se agregam os termos Mbya ou Nhandeva é, principalmente, para marcar para os “outros”, os *Juruá*, a autenticidade guarani. O trecho, a seguir, extraído de um discurso do dirigente político da aldeia Marangatu, Misiones, Argentina, em 1997, corrobora com essa ideia.

É por isso que nós estamos fazendo um esforço para ter um só pensamento, em todo mundo, no Paraguai, no Brasil, sempre com a mesma luta e força. Todos nós queremos ter saúde, a mesma alegria, a mesma coragem. Porque nós somos parentes, somos irmãos, temos o mesmo sangue, o sangue que corre em nós é o mesmo, então não temos diferença (LADEIRA, 2001, p. 156).

Figura 10 – Mapa Guarani Continental indicando a distribuição populacional por localidade e número de habitantes



Fonte: ISA, 2016.

Passo a passo, os povos Guarani, multiseculares, vêm desenhando sua territorialidade e o entendimento em relação ao espaço e o mundo, dentro do universo do pensamento e da ciência guarani. A maneira como concebem a criação do mundo se relaciona com a maneira de ocupar a Terra. Essa intimidade cultivada no seio dessa etnia garante uma sustentação milenar dos pilares que permitem, ainda hoje, aos Guarani, orientarem *M'baraká* (palavra em movimento) com um rigor notável referenciado em narrativas míticas.

Eu vou contar aquilo que os *xeramõi* (avôs, mais velhos, conhecedores) já contaram também. Se eu falar por mim mesmo será da mesma forma que os *xeramõi* falaram, porque eu soube deles. Nós falamos realmente que nós viemos do Paraguai, mas onde Nhanderu gerou mesmo o Guarani? Quando Nhanderu o colocou ele não denominou aquele local, onde ele gerou o Guarani, não chamou de nada. [...]. Por isso, não podemos falar que viemos do Paraguai ou coisa parecida, não tem nome o local onde nos originamos. Nós sabemos que eles, os *xeramõi* mais antigos, sempre falam que nós viemos do *Yvy Mbyate*, que é o centro do mundo, é isso que eles explicam. Ele nos colocou justamente no centro do mundo para ficarmos longe e termos que caminhar para chegar à beira-mar. É isso que tentamos explicar para os *juruá*, e para os órgãos governamentais, quando nos reunimos com eles. E nós contamos aquilo que sabemos pelos *nhaneramõi*, que são os mais velhos, os que têm sabedoria [...]. Os *juruá*, na visão deles, nos misturaram muito com outros povos, mas, ao mesmo tempo, eles nos dividiram. Com a divisão do território eles nos dividiram, daí eles falam que viemos de outro país. Por isso, há hoje uma grande confusão, separaram todos nós, mas havia vários grandes *xeramõi* que realmente faziam caminhadas sagradas e vieram parar para o lado de cá. Nós já viemos com essa função de caminhar para alcançar a Terra sem Males, além da beira-mar. (Adriano Morinico - Karai Jekupe - Tekoha Yvya Yvate, informação verbal, Guata Porã, AFFONSO, 2015)

No contato que tive ao me aproximar das cosmovisões dos Guarani, ao realizar esse sobrevôo e pouso junto a esse povo milenar, buscando associar as experiências com as quais meu corpo teve de atravessamentos em minha jornada de vida e ativação de memórias ancestrais, o que reverbera para mim, neste momento em especial, é a palavra - importante ⁶ *Yvy Rupa*: A Terra uma só. Como ouvi de Anastácio Peralta (Guarani Kaiowá, durante sua fala no Seminário de Etnologia Guarani) - “Antes não existia fronteira, isso é coisa de vocês *juruá kwera*”.

⁶ Conforme disse Eliel Benites, Guarani Kaiowá ao se referir a que nós - *juruá kwera* - chamamos de conceitos.

Essa concepção presente fortemente entre os Guarani, da inexistência de fronteiras, de uma unidade dos povos da Terra, com o reconhecimento da diferença, para nós saltou aos sentidos durante essa aproximação isso que buscamos, mesmo sem saber ao certo, o que iria encontrar: o movimento da vida para os Guarani! O modo de existir e as estratégias construídas há milênios por esse povo. Quando falamos de povos indígenas e territorialidade, bem sabemos que existem idiosincrasias marcantes no modo como cada etnia concebe o espaço. Todavia, nos atentamos aqui ao povo Guarani, vemos uma compreensão de liberdade no deslocamento no território e uma guiança por uma bússola ética imanente a essas existências. Essa forma de entender a ocupação e a territorialidade própria desse povo, é fundante com a relação com o sagrado - Nhanderu que manda caminhar.

Eles vieram de Paranaguá. *Oguatá porã!* Eles caminharam belamente, fizeram uma boa caminhada. Os *jurua* não tinham chegado ainda. Antes deles chegarem, nós já estávamos aqui, neste lugar. Eles, aqueles que seriam *Nhanderu Mirim*, tinham o pensamento dentro do coração, no peito, e só por isso que eles vieram. Nhanderu que falou aos *xeramõi* para fazerem essa caminhada, e as outras pessoas seguiam esses *xeramõi*. Nhanderu que dá esse conhecimento de fazerem essa caminhada. Não caminhavam somente porque eles queriam. Nhanderu que mandava fazer essa caminhada. Foram os *xeramõi* e as *xejaryi* daquela época que abriram o caminho. Naquela época, era tudo mato fechado. Nem o branco existia naquela época. Mesmo assim, eles vinham caminhando. Nhanderu guiava, mostrava o caminho. Eles perguntavam para Nhanderu: “podemos ir?”. “Já está aberto o caminho. Vai mesmo”, diziam *Nhanderu kuery*. Aí, eles andaram. Os mais velhos sempre andavam com Nhanderu, em espírito, sempre rezando. Eles caminhavam não só por caminhar, mas seguindo o propósito, o objetivo que eles tinham. *Guata porã*, o belo caminhar, é isso (Xeramõi Mario Guimarães - *Kuaray Mirim* Tekoa Marangatu, informação verbal, Guatá Porã, AFFONSO 2015).

A vida com um sentido, guiado pelos espíritos protetores, assim vão se movimentando na vida os Guarani. A narrativa, que acontece através dos mais velhos (*xeramõi* e *xejaryi*), nas casas de reza - *Opy*, onde a palavra tem plenitude, vai desenhando o modo de vida ancestral no contemporâneo, através da oralidade desses avôs e avós, escolhidos por Nhanderu, para guiar as suas famílias – com – unidade através das memórias das histórias contadas pelos que vieram antes, o fio de vida ligado aos ancestrais vai nutrindo o caminhar, preenchendo de sentido essas existências (OLIVEIRA, 2016).

*Uma anciã um dia me disse que somos árvores que caminham,
carregamos folhas, galhos, raízes,
e todos aqueles que vieram antes de nós
são estrelas em nosso céu.*

*Em direção ao sol nossa eterna caminhada de pés descalços
para não deixar de sentir a terra, o calor,
as águas e cada respiração.*

*Somos natureza VIVA!
(Renata Tupinambá, 2016)*

Ao que tudo indica, das falas de guaranis e registros em etnografias/historiografias, são os Mbya, dentre os grupos caracterizados anteriormente, que continuam o movimento dos ancestrais de migração para a costa do oceano Atlântico (LADEIRA, 2001). Além da guiança dos ancestrais e de Nhanderu – em busca de *Yvy marãey*, a terra sem mal – o que podemos compreender junto a esse movimento dos Mbya é um rearranjo, uma recriação dos grupos familiares e de suas histórias, recuperando sua tradição a cada ‘novo lugar’. Isso confere a esses grupos uma experiência singular, marcada pela sobrevivência através da reinvenção.

Para o pensamento ocidental moderno a resistência é entendida, na maioria das vezes, uma força de oposição e antagonismo ao capitalismo, colonialismo, patriarcado, como a negação de uma forma dominante de poder. Poucas vezes a resistência é concebida como força criativa, como saberes e práticas sociais que existem apesar da opressão e exclusão. Os pais, avôs e avós dos indígenas zapatistas resistem ao poder colonial e neocolonial por séculos. Entretanto, não o fazem se posicionando em posição antitética à modernidade colonial, mas, sobretudo, inventando e reinventando formas de organização social e vida que os permitam ser algo mais do que a negação daquilo que os oprime e exclui. Como ressalta Boaventura de Sousa Santos (2001) “o acento tônico [do Zapatismo] não está na destruição do que existe, mas na criação de alternativas” (Memória e Sombra, 2014, p. 15).

Esse debate encontrado dentre as produções dos saberes do zapatismo, profundamente conectado com as raízes ancestrais indígenas dos povos originários desse território latino-americano, nos ajuda a tecer com o movimento dos Guarani uma rede de sabedoria, que nos indica pistas da construção da resistência desses povos.

[...] a despeito de séculos de saques, pilhagens, assassinatos, e memoricídios, os povos originários, salvo todos os esforços, não puderam ser reduzidos ou incorporados a uma estrutura de pensamento ocidental que se nutre da fantástica atração pelo Um, pelo Poder (IBERÊ e BAINES, 2018, p.181).

Existe uma extensa bibliografia produzida, como por exemplo os trabalhos aqui citados, realizados pelos próprios Guaranis: Sandra Benites, Eliel Benites, Iberê, Timóteo Popyguá, entre outros, e pesquisadores que formaram aliança com esse povo, como: Maria Inês Ladeira, Ana Maria Affonso, Bartolomeu Melià e tantos outros. Que comprova a resistência dos Guaranis ao defender suas tradições, seu *nhandereko* (modo de viver). Migrar e viver na mesma região que já foi ocupada pelos seus antepassados antes do contato, é uma delas. “Esses movimentos de desterritorialização são inseparáveis de novos mundos que se fazem em processos de reterritorialização” (DELEUZE e GUATTARI, 1997), a mobilidade se encontra com a disposição em criar um devir-outro.

Esse modo de existir ainda é constante nos territórios, ocorrendo migrações entre aldeias e em regiões da Mata Atlântica à procura de recursos naturais e locais para refundação de *tekohas*. Desde o litoral do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, há cerca de 64 *tekohas* Mbya e Nhandeva, e locais de acampamento para receber seus parentes (TRONCARELLI apud GAUDITANO, 2015).

O Guaraní sempre ocupou esta região. Nosso território era muito grande, ia desde a Argentina e o Paraguai até o Brasil. Nós chamamos de *Yvy rupa*, que significa uma Terra só, sem divisão geográfica. Quando os *juruá* chegaram e invadiram o nosso espaço, dividiram em três pedaços: Paraguai, Argentina e Brasil. O povo Guaraní vivia com amplitude. Segundo os Guaranis, só a pedra fica num único lugar. (Vera Popygua Timóteo da Silva Guaraní, informação verbal, GAUDITANO, 2006, p 38).

Aqui neste ponto, não podemos deixar de destacar a distorção promovida pela ignorância, ganância e crueldade, muito bem articulada em narrativas históricas de uma oligarquia latifundiária sobre as interpretações em relação ao modo de vida Guaraní a fim de justificar a propriedade de suas terras. Na luta pela demarcação e regulamentação é comum a argumentação de que esse povo é nômade, vem do Paraguai e se diz brasileiro: “*Tem que parar essa história de demarcação que permite a invasão dos índios do Paraguai, lá no Rio Grande do Sul no que depender mim para demarcar área dos índios e dos quilombolas só se passar por cima do meu cadáver*”.

7

⁷ Fala coletada no filme *Martírio* (2016) do então deputado federal pelo PP Vilson Calvati.

Falas como essas, de extrema violência à vida desses povos é o que há de mais comum na bancada ruralista, que promove esse lobby anti-indígena, do agronegócio que busca desqualificar laudos antropológicos em processos administrativos de demarcação de terras indígenas, por meio da FUNAI, que dão a garantia e fundamentam a ocupação desses povos nos territórios. É urgente olhar para essas estratégias neocolonialistas que avançam por toda a América Latina historicamente, e perceber as antigas, porém repaginadas formas de promover o extermínio dos povos originários.

Desde antigamente, o modo de ser Guarani é andar pelo território guiados pelos pajés, viajando até beira do mar, procurando terra perfeita para a gente viver e manter nossa vida espiritual. Assim as famílias viajavam e continuam viajando. Visitam os parentes em outras aldeias ou encontrando terras para viver dentro do nosso território antigo. Com minha família também foi assim (Nivaldo Karaí Rokaju Ayvu Oia, informação verbal, GAUDITANO, 2006, p. 55).

Recentemente, nessa questão territorial, durante a mesa de mulheres Guarani, na abertura do II Seminário Internacional de Etnologia Guarani⁸, formada por Priscila Para Poty Silva (liderança Tenondé Porã), Ivanildes Kerexu da Silva (Yaka Porã), Clara Barbosa de Almeida (Laranjeira Ñanderu) e Delmira de Almeida Peres (Aty Mirim), essas mulheres falaram sobre suas lutas e resistência em seus territórios, e por diversas vezes falaram a palavra “retomada” ao se referirem a essas terras guaranis. Ao serem questionadas pelo público presente, a respeito do uso dessa palavra, Ivanildes Kerexu da Silva declarou:

Nós, Guarani, saímos do centro do mundo, onde Nhanderu nos criou - em busca de *Yvy marãey* - durante esse deslocamento nossos antepassados ocuparam algumas terras, seus acampamentos, seus *tekohas*, assim plantavam, ficavam vivendo ali. A retomada é porque reocupamos esses espaços, retomada não é qualquer espaço, é onde era passagem dos antigos, suas ocupações (Ivanildes Kerexu, informação verbal, II Seminário Internacional de Etnologia Guarani⁹, 2019).

Esse povo que caminha com sentido, com essa guia dos mais velhos e inspiração metafísica dos espíritos das matas – os guardiões da Terra, cultiva costumes que se manifestam em características singulares ao modo de existir. Essa

⁸ II Seminário Internacional Etnologia Guarani: redes de conhecimento e colaborações, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), de 24 a 27 de Setembro de 2019.

comunicação que é fundante e é passada através das gerações como um pulsar vital, vai perpetuando a visão alcançada pelos antepassados. É uma utopia que vai sendo conquistada e celebrada através da repetição desses saberes construídos milenarmente, gerando uma liga, como o tecer de uma rede que sustenta a continuidade dessas vidas.

O que se percebe nessa aproximação de olhar para territorialidade e a cultura guarani é uma conexão e compromisso com a vida, manutenção da vida que, mesmo tolhida, encontra formas de rebrotar, renascer e se reinventar.

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafiando o coro dos contentes? Vi diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. [...] Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo (KRENAK, 2019).

A força que carrega esse sentido de sujeito coletivo que se organiza de maneira comunitária vem nos mostrar como a identificação e o reconhecimento do outro é o que cria as formas, inclusive de garantir a continuidade dos costumes, e de sua vida, como os Guarani chamam: continuar o *nhandereko*.

Aqui não existe líder, todo mundo aqui é líder. As crianças, todo mundo...até o cachorrinho é líder aqui. E se caso venha a assumir a ordem da justiça, tem que ser todo mundo, não é só um (Fala de mulher Guarani durante reintegração de posse)¹⁰.

Quando iniciamos o percorrer desta pesquisa, as perguntas que se apresentavam eram guiadas para nos conduzirem a esse sentido, essa fonte de resistência para manutenção e movimento da vida, para que ela se sustente e, mais do que isso, encontre motivos para ser celebrada. Ao nos voltar para a cosmovisão dos Guarani e encontrarmos com a cosmovisão dos povos originários, ajustar as lentes e reconectar de alguma forma com essas linhas da vida, encontrar recentemente com a leitura do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak, fazem com que possamos vislumbrar pistas por onde continuar esses

¹⁰ Retirada do filme *Martírio* 2016.

passos, nos aproximar mais e olhar de perto essas questões que, para nós, no momento, apresentam-se como uma imagem fontana, abundante de inspiração.

A concepção de sujeito coletivo é uma ideia potente, vem desde lá de trás dos antepassados resgatar um sentido de comunidade, relacional que foi fortemente atacado, dilacerando pouco a pouco os elos vitais que garantem a coesão dos povos e a visão de co-dependência, de boa relação, de cooperação. A riqueza, a diversidade, a ecologia de saberes (SANTOS, 2000) se manifestam com esses modos de vida, que ainda hoje acontecem e sustentam milhares de comunidades pelo mundo afora, precisam ser noticiadas. O individualismo com sua manifestação reativa: competição é o grande marco desse tempo histórico que compartilhamos, bem sabemos que é o coração do capitalismo financeiro que sustenta com seu pulsar a manutenção desse sistema; o sentido desse pensamento é o do poder de obter para si, de dominar as riquezas da Terra a todo custo (inclusive o de vidas), para sustentar essa lógica. O sentido do Guarani é viver *nhandereko* (seus costumes, modo de vida), manifestar *teko porã* (viver belo).

A ausência produzida através dos memoricídios, epistemicídios dessa necropolítica nefasta que enfrentamos cotidianamente – nós, povos latino-americanos ¹¹–, tem como principal objetivo destruir nossas referências ancestrais a fim de perpetuar a lógica, um colonialismo ao modo do século XXI, com seus dispositivos atualizados. Por isso, todo território existencial, inclusive esse que se circunscreve em espaço acadêmico, vem se apresentar como lugar de disputa necessária. Afinal, quem disse que estamos em trégua? A Terra ainda é regada com sangue indígena.

Quando Krenak, 2019 diz: “Quantos perceberam que essas estratégias só tinham como propósito adiar o fim do mundo? Eu não inventei isso, mas me alimento da resistência continuada desses povos [...]”, nos cobra a pergunta: como essa tal humanidade passa despercebida a isso? O quanto está em distrações ilusórias de ganância e poder? O que o tempo vem cobrar com urgência é por corações despertos a sonhar com terras livres...

¹¹ Ao utilizarmos o nome ‘América’ também o devemos fazer sob o olhar da crítica que nos propõe Ailton Krenak “O nome América é um produto colonial, é de uma rendição absoluta a todo discurso colonialista. América vem de Américo Vespúcio, um veneziano que pegou uma empreitada na Europa e veio para cá, e homenageamos colocamos o nome dele em um continente assaltado (KRENAK, 2019)”.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: no sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. [...]. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (KRENAK, 2019, p. 43).

O tolher da vida, a rigidez do pensamento, causam a morte do sentido. Acabar, destruir, matar faz mais sentido do que a construção e potência da criação. Eu poderia aqui dizer em relação à necessidade de transgredirmos as fronteiras psicológicas, afectuais e também concretas... mas o povo Guarani tem me ensinado a respeito da ilusão de sua existência, como ouvi de um xeramõi certa vez: “*olhe para o chão... você vê uma linha aí? Pois é...ela não existe*”. A busca é de plasmar essa realidade em nosso presente e no horizonte, transgredir essa criação ilusória da separação, estabelecer as “zonas de contato” (FERREIRA, 2006). Mesmo assim, continuando nossa imaginação utópica, que nos faz caminhar, movimentar e criar novas rotas, podemos também nos inspirar com o pensamento feminista, de mulher de cor, de origem latina, “mestiza”¹² de Glória Anzaldúa:

Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir (ANZALDÚA, 2005).

Quem lê talvez possa pensar: “O que o pensamento feminista tem a ver com isso?” O que podemos perceber recentemente é que tem muito a ver, e em muitos momentos esses pensamentos se pertencem, acredito que por recobrar uma dívida milenar de silenciamentos e imposições. A dominação androcêntrica em muitos momentos da história se mistura com a dominação da Terra (esse organismo vivo, muitas vezes visto como feminino), questionar essa dominação e os memoricídios produzidos é pensar “pode ser diferente”, e isso mexe com as estruturas dessa dita civilização moderna. E aí podemos também, questionar juntos: feministas e povos originários – Que civilização é essa? Que humanidade é essa? – a própria ideia de civilização e seus marcos históricos. Esses questionamentos e a consciência de que

¹² A autora utiliza o conceito sem possibilidade de tradução, para nos convocar *La conciencia de la mestiza*.

podemos existir de outras formas (inspirados por povos originários e sociedades matrilineares) resgatam uma potência e força que nos nutre para resistir, e como nos convida Anzaldúa: agir.

Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente (ANZALDÚA, 2005).

Em seu texto “A inconstância da Alma Selvagem”, Eduardo Viveiro de Castro (2002) traz reflexões que vão ao sentido da tradução do entendimento de mundo a partir do modo de vida dos povos originários. Em uma passagem desse texto, ele nos traz um trecho de uma carta escrita por jesuítas, documento que ao ser analisado nos demonstra aspectos das subjetividades desses povos.

O problema dos índios, decidiram os padres, não residia no entendimento, aliás ágil e agudo, mas nas outras duas potências da alma: a memória e a vontade, fracas, remissas. {7} “É gente de muy fraca memória para as coisas de Deus” (Pires 1552: I, 323). Do mesmo modo, o obstáculo a superar não era a presença de uma doutrina inimiga, mas o que Vieira descrevia como “as ações e costumes bárbaros da gentildade”. [...] E que os primeiros jesuítas rotulavam mais simplesmente de “maus costumes”. Veja-se esta passagem de Nóbrega, por exemplo, que está provavelmente entre as fontes inspiradoras do conceito do mármore e da murta: *‘Esta gentildad no tiene la calidad de la gentildad de la primitiva Iglesia, los quales o maltratavan o matavan luego a quien les predicava contra sus ídolos, o creían en el Evangelio; de manera que se aparejavan a morir por Christo; pero esta gentildad como no tiene ídolos por quien mueran, todo quanto les dízen creen, solamente la dificultad está en quitalles todas sus malas costumbres [...] lo qual pide continuación entr’ellos [...] y que vivamos con ellos y les criemos los hijos dea pequeños en doctrina y buenas costumbres [...]’* (CASTRO, 2002, p. 128).

O que nos salta imediatamente aos olhos nessa compreensão de mundo traduzida é que exatamente “os costumes” são o ponto de inflexão que geram todo um paradigma próprio desses povos, sua ciência, é o que cultivam – sua cultura, o que os impede de serem doutrinados. Adentrando um pouco mais nessa discussão a respeito do olhar dos jesuítas para os Tupinambá, quando se referem às características que conferem inconstância, “da ‘*fraca memória*’ e ao misto de volubilidade e obstinação, docilidade e recalcitrância, entusiasmo e indiferença” (CASTRO, 2002), nos convoca a olhar mais atentamente a esse estado de “crer sem

fé”, a vontade de ser o outro junto ao mistério de um lugar que não é penetrado, uma imutabilidade mutável.

Para isso, Viveiro de Castro (2002) nos traz à paisagem antropológica da *Murta* e do *Mármore*, o mármore que com interferências é lapidado e assume formas rígidas, e a Murta que é moldada com facilidade, porém com essa mesma plasticidade reversa se recompõem em formas múltiplas, sem se desfazer do que lhe compõe por direito ontológico.

Entendemos que toda sociedade tende a perseverar no seu próprio ser, e que a cultura é a forma reflexiva deste ser; pensamos que é necessária uma pressão violenta, maciça, para que ela se deforme e transforme. Mas, sobretudo, cremos que o ser de uma sociedade é seu perseverar: a memória e a tradição são o mármore identitário de que é feita a cultura. Estimamos, por fim, que, uma vez convertidas em outras que si mesmas, as sociedades que perderam sua tradição não têm volta. (CASTRO, 2002, n.p.)

Onde reside a inconstância da alma selvagem, estado próprio dos povos originários, é exatamente onde reside sua resiliência no tempo-espaço. A abertura a “boa-nova” é a disponibilidade interior de entender o que se apresenta da natureza das coisas. Uma predisposição orgânica ao conhecer, essa mesma abertura que confere plasticidade, convoca a assegurar aquilo que não deve possuir a propriedade de mutabilidade. Podemos aqui encontrar uma ligação. O discernir e a clareza em compreender o que se mantém e o que de bom grado é transformado. Um constante retorno à imagem primordial, à raiz e à “arqué” da *Murta*, o retorno da diferença. “Só volta a afirmação, só volta aquilo que pode ser afirmado, só a alegria volta. Tudo o que pode ser negado, tudo o que é negação, é expulso pelo próprio movimento do Eterno Retorno” (DELEUZE, 1976, n.p.).

A potência da existência desses povos, a sabedoria intrínseca à forma de viver e entender a vida, reside na disponibilidade de convocar o novo a reconfigurar, sem perder sua meta-forma, conservando o que lhe garante além da sua existência a sua plenitude de Ser, sem o “mero estar” no mundo. Ao retornarmos para esse momento de nossa história, em que há o contato do *Estranho* com o *Familiar* (jesuítas - indígenas/ indígenas - jesuítas), conseguimos distinguir quem se modificou? E o que se modificou, qual rumo tomou? Passados alguns séculos o que se mantém e o que dá sinais de falência? Quais modos de vida e costumes podem ser considerados como potentes em salvaguardar o dom da vida? Quais tensões esses modos de vida

encontram no contemporâneo? De que maneira estão resistindo? Quais valores as guiam?

As narrativas de contato e mudança cultural têm sido estruturadas por uma dicotomia onipresente: absorção pelo outro ou resistência ao outro. [...]. Mas, e se a identidade for concebida, não como uma fronteira a ser defendida, e sim como umnexo de relações e transações no qual o sujeito está ativamente comprometido? A narrativa ou narrativas da interação devem, nesse caso, tornar-se mais complexas, menos lineares e teleológicas. O que muda quando o sujeito da “história” não é mais ocidental? Como se apresentam as narrativas de contato, resistência ou assimilação do ponto de vista de grupos para os quais é a troca, não a identidade, o valor fundamental a ser afirmado? (CLIFFORD 1988, p. 344 apud CASTRO, 2002).

É urgente o reconhecimento dessas histórias, dessas existências, forjando novas subjetividades. O que sabemos da história? Quanto do que nos contaram que é a verdade? E é disso que nos contam e temos notícia que são formadas nossas consciências, nossos modos de ser, e por isso muito frágeis, sem conexão real com o que se passou. Vemos hoje pessoas sem história, ou se sustentando com uma história mal contada.

Mãos Vermelhas

*Me diz pelo que você luta
Que ar você respira se não o meu fôlego
Que comida você come se não a que eu dou
Abra sua mente antes da sua boca
É o Brasil que ninguém vê
Tic tac tic tac
O agro não tech não é pop e também mata
Festim rosa ou azul com as mãos manchadas de vermelho
Vejo meus filhos perguntando se você os mata
ou se eles se matam primeiro
Você não sabe, ninguém viu
mas ficou gravado na minha memória
Pega no laço e você sabe a história
Legalizam o genocídio
Chamam de pardos para embranquecer
enfraquecer e desestruturar você
pra não saber de onde veio
E conta a história da bisã da sua bisã que era índia tu não lembra
Estou renascendo das cinzas do fogo que queimaram meus ancestrais
Kaê Guajajara¹³*

¹³ Indígena maranhense, artista e ativista.

Falar desses modos de vida, reconhecer essas existências, mais do que registrar, é recontar o passado, encontrar os marcos históricos, os momentos em que se desenhou este quadro civilizatório que nos é apresentado. Não se trata de voltar a ser o que era, mas de, a partir de ali refazer os passos, reconectar à raiz: a ancestralidade na contemporaneidade. Espaços – tempos do devir. Realizar a concreta e abstrata disputa dos sentidos, tanto das rotas que nos trouxeram até aqui, os desvios do caminho, como de projetar nosso vir a ser.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? [...] Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019, p.14)

“*Como nós, Guarani, podemos ajudar a curar o mundo?*” Essa é a pergunta que ouvi de Anastácio Peralta, durante sua fala no II Seminário Internacional de Etnologia Guarani, e é realmente uma pergunta urgente de todos os povos. Um compromisso com a Terra e com toda essa doença produzida. Um exercício de compaixão e paciência, com mentalidades adoecidas. O rezo é para que a vida continue, para que essas vozes da Terra ecoem nos corações adormecidos, despertando a consciência da natureza que se é.

Tenondere - À nossa frente, onde nasce o sol

Xeramõi convoca a todos para continuarem a caminhada para alcançar Tenondere, onde nasce o sol, em Yy ramõi, chamado também de Para guaxu, o grande mar, o Oceano Atlântico. Para realizarem essa caminhada, ore retará ypykuery, nossos parentes originários, levavam com eles suas variedades de plantas originais, que foram colocadas por Nhanderu Tenondegua em Yvy mbyte: jety mirii, batata doce original, avaxi ete'i, milho verdadeiro, manduvi mirii, amendoim original, mandyju mirii, algodão original, mandi'o mirii, espécie de mandioca, ya para'i, melancia, pety, fumo, ka'a, erva-mate, e muitas outras plantas. Levavam em forma de alimentos e sementes.

Para chegar à margem do Mar, Yvy apy, ponta da Terra, andaram primeiramente na direção de Yvytu ymã, lugar dos ventos originários. Passaram por vários nhuu upa, campos, kurity, pinheirais de araucária, ka'aguy karape, matas baixas, encontraram guavira miri, gabioba do campo, e muitas plantas que já

conheciam. Nhanderu indicava os lugares e os frutos trazidos para se reproduzirem em todos os cantos de Yvyrupa, a Terra criada por ele.

Durante a caminhada, Nhanderu revelava onde poderiam encontrar takua, taquara, pekuru, tipo de bambu, takuaruxu, tipo de bambu liso, takuarembo, e outras espécies de takuara. Revelava também onde encontrar guembe, araçá mirim, pequena goiaba do brejo, pakuri e ka'aguy poty, plantas medicinais, em toda a extensão da Terra criada por Nhamandu Tenondegua.

Seguiam às margens de vários yakã, rios, que nomearam Yguaxu, Iguaçu, Parana, Paraná, Paraygua, Paraguai, e Uruguay, Uruguai, que deságua no mar, e também deram nomes a muitos pararakã, ramos dos grandes rios, afluentes.

Figura 11 – Estrelas na Terra



E encontraram Yyupa, grande poça de água, Lagoa dos Patos. Em cada lugar que chegavam, através da sabedoria espiritual verificavam que existiam yvyra, árvores e plantas semelhantes ou idênticas, como também eram idênticos mba'emo ka'aguy regua, os animais silvestres, e guyra, as aves. Descobriram as várias plantas medicinais, árvores frutíferas e várias espécies de animais deixados por Nhamandu Tenonde. Seguindo o rumo de kuary, sol, chegaram em Yta jekupe, contenção do mar, ka' a guy yvyty regua, Serra do Mar, um lugar quente e muito exuberante, com muitos animais. Até que, finalmente, chegam a Para rembe, à margem do mar, Tenondere, lugar onde nasce o sol.

Fonte: Lendas Indígenas, 2014, Ilustração Bruno Campos.

Para ore retará ypykuery, nossos parentes originários, chegar à beira do Oceano Atlântico era a grande esperança, porque Nhanderu havia revelado que ali era Yvy porã, Terra boa e aconchegante. Este lugar, em Tenondere, onde o sol nasce,

chamamos de Para guaxu rembe, porque Para é “oceano”, guaxu é “grande” e rembe é “margem”. Assim como Yvy mbyte, o centro da Terra, ka’ arua, o lugar onde o sol põe, Yvytu katu, o lugar onde se originam os ventos bons. Para guaxu rembe também é de muita inspiração para nos fortalecermos espiritualmente, para formar tekoha, onde acontece nosso modo de vida, para viver o nhandereko, nosso modo de ser, para ter yvy poty aguyje, agricultura e plantio com abundância, e para oupyty aguã Nhanderu arandu, para alcançar a sabedoria divina dos Nhanderu.

Ore retarã ypykuery, nossos parentes originários, através da sabedoria espiritual e da revelação de Nhanderu, andaram pela beirada do mar. Onde ficavam, formavam tekoha, e davam nomes aos lugares, como: Para ja’o rakã, ilhas, Yyguaa py, encontro de rio com mar, Iguape, para pyxi rakã, mangue, Paranapuã, ondas do mar.

Yakã ryapy - Nascentes de águas

Nhamandu Tenonde criou as seis maiores nascentes de água. Estes rios possuem riqueza abundante de peixes para os povos da Terra viverem e extraírem seus alimentos. Desses rios, três são muito importantes para os Mbya, o rio Paraná, o rio Uruguai e também o rio Iguaçu, onde ainda hoje existem, em suas proximidades, centenas de aldeias. A Mata Atlântica é um lugar quente, onde não há geada, que fica ao redor e à beira do mar. Por essa peculiaridade, os Guarani Mbya, deram o nome de Yvy apy. A serra do mar é chamada de jekupe, costas do mar, por ser a faixa litorânea de montanhas que é uma abundância de espécies de animais silvestres e plantas medicinais endêmicas. Os rios são sagrados e têm vida em constante movimento para purificar os seres vivos aquáticos e toda a natureza que existe em suas margens.

Tatapy Rupa - Lugares renascentes em Yvyrupa (a ocupação Guarani)

Nós, Nhande’i va’e, conhecidos atualmente como Guarani Mbya, sabemos, há milhares de anos que a Terra em que vivemos é redonda. Nessa Terra, famílias inteiras, mulheres, homens, e crianças, seguindo a orientação de Nhanderu tenonde, continuam caminhando, às vezes durante meses, anos e até mesmo década, para povoar, ocupar cuidar e renovar Yvyrupa. Nós, Mbya, desde o surgimento, sempre ocupamos as regiões de Mata Atlântica, formando vários tapyi, ou tekoha, lugares onde acontece nosso próprio modo de vida (Timóteo da Silva Verá Tupã Popyguá, 2017, p. 51-53)

3.2 *Tekoha*: o lugar onde se é

As discussões em relação à concepção de território têm buscado trazer a reflexão para o campo relacional, o lugar de existência (SANTOS, 1978). Falar de território é compreender as dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais, o espaço inter-relacional das forças compondo juntos a vida, produzindo agenciamentos singulares que se conectam e se afetam desenhando o viver. Esse plano de imanência onde se navega, é indissociável da construção de identificação. Estar em um território é estar em ressonância com o que está externo à unidade: se identificar, reconhecer, habitar, territorializar.

Não existe vida sem relação, e não existe território sem uma construção simbólica de reconhecimento. Buscar compreender o lugar pode nos ajudar a compreender também o que se é.

Tekoha é imprescindível para nossa sobrevivência física e, de modo especial, também cultural, dado que tekoha significa espaço ou lugar (ha) possível para o modo de ser e de viver (teko). A mesma palavra aglutina dois conceitos fundamentais: vida (teko) e lugar (ha) (BENITES, 2014, p.46).

O que os Guarani nos trazem para inspiração: compreender que é através das relações compartilhadas de sentido que a vida se constrói. O espaço, o lugar, só é concreto, só tem existência se está permeado com as construções coletivas simbólicas e culturais. O lugar da vida é o lugar da relação, assim conseguimos vislumbrar a cartografia da resistência presente na visão compartilhada de se viver, é uma lente coletiva olhando para imanência do que se é, garantindo uma coesão e uma ética orgânica, viva no organismo social que se manifesta: *Tekó* - nosso modo de ser com a Terra, com a existência, com a natureza das coisas.

No momento em que escrevo, no fluxo do pensamento antes de registrar a palavra “Tekó”, registro a palavra “Ubuntu”, que se encontra internalizada em mim, e no sentido do que quero aqui dizer, percebo que compartilha uma *arqué* muito próxima de *Tekó*.

Ubuntu é derivada do idioma quimbundo, integrante da matriz cultural bantu (OLIVEIRA, 2016). Essa palavra vem nos dizer que “minha existência está conectada com a do outro” – eu sou, porque nós somos. Como um tecer: conectado com “nós”, somos essa grande teia vivente. Essa filosofia, sabedoria dos povos bantu está intimamente conectada com a dimensão da existência para os povos Guarani.

Os lugares onde os Guaranis formam seus assentamentos familiares são identificados como *tekoha* [...] O *tekoha* deve reunir condições físicas e ambientais que lhes permitam compor, a partir de uma família extensa com chefia espiritual própria, um espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência (LADEIRA, 2001, p.184).

O que nos mostra essa conexão entre o “modo de ser” e o “lugar onde se é” dos Guaranis é que para que suas relações se desenvolvam e os intercâmbios aconteçam é necessário que exista uma composição de algumas constantes ambientais e sociais que garantam a sustentação desse *tekoha* “[...] deve ter *kagüi ete, kagüi poru ey*, água pura, terra para plantar, montes (LADEIRA, 2001). Para os Guaranis é fundante com a sua existência a diversidade de composição de espécies, pois garante a qualidade de sua vida – seu *teko porã*.

A primeira coisa que vem no estudo, o mais importante de tudo, é a Terra. Se não tiver a Terra, onde é que vamos morar? E o *juruá*, onde vai morar? A Terra é sagrada, não pode ser estragada. E nem a mata. Porque quando o Sol vem muito quente, o aquecimento, como fica a Terra? Toda rachada, os rios secos. Para não acontecer, tem que segurar a mata em cima da Terra. Mas *juruá* não sabe disso. Qual o sangue da Terra? Ninguém sabe disso... (Ronaldo Costa - *Karay Tucumbo* - Tekoa Pirai, informação verbal, “Guata Porã”, AFFONSO, 2015, p. 73).

A integridade com a qual o povo Guaranis olha para Terra e vem desenhando seu modo de vida milenar é notável, a poética que se vê nas falas é o que traduz a poética do viver desse povo. O fato de a guiança ser de uma espiritualidade de conexão profunda com a Terra garante uma ética viva. A compreensão dos mitos e o que eles convocam ao serem recontados no tempo garante uma relação intimamente conectada à Terra. O rio é sagrado, a pedra é sagrada, os animais, as plantas – o sagrado é o que garante a vida. A coexistência dos elementos que compõe e se inter-relacionam é o que sustenta a existência desse todo com a Terra. Como nos diz Leonardo Boff (1999), é essa espiritualidade que liga, une e integra, que pode nos ajudar a compor alternativas de um novo paradigma civilizatório.

Cada fruta, cada pezinho, tem espírito que está olhando, sempre e, por isso, que está crescendo e florescendo, sempre com saúde. Essas arvorezinhas pequenas são a mesma coisa. Todas têm espírito. Sem ordem, sem permissão, não poderia chegar, cortar, tirar a folha, tirar a raiz, tirar a casca (Xeramõti Timoteo Oliveira - *Karai Tataendy* - Tekoa Itanhaen, Biguaçu/ SC, informação verbal, “Guata porã”, AFFONSO, 2015, p. 75).

A relação estabelecida no modo de vida comunitário de íntima ligação com a natureza que os compõem, guiados pela ética viva estabelecida pela orientação dos antepassados e sustentada pelos que vão tecendo a vida no *tekoha*, convoca a compreensão do *saber cuidar* (BOFF, 1999). Para o Guarani “todas as terras são de Nhanderu, *Yvy rupa*” (GAUDITANO, 2006), o povo nascente é o guardião, quem cuida e zela por tudo, mas não é o dono.

Durante o II Seminário Internacional de Etnologia Guarani (2019) ouvi uma história ser contada por um xeramõi, ele dizia que ao chegar no *tekoha* recentemente e estabelecer moradia, montaram algumas armadilhas de caça. Para surpresa de todos foi pega em uma delas uma anta, e por ser um animal de grande porte a partir dali se estabeleceu que não fosse mais permitido nenhuma armadilha para captura de animais, pois já tinham sido agraciados com aquela grande quantia, aquela abundância e por isso não se fazia mais necessário para o coletivo esse tipo de relação, em respeito aos espíritos dos animais, para garantir o equilíbrio de suas coexistências naquele ambiente.

Porque nós estamos andando sempre em cima daquilo que é de *Nhanderu*. [...]. Por que ele está nos mostrando, iluminando o caminho? Ele está falando: ‘vocês não percam esse sistema, esse *reko*’. Nossos avós que nos fazem caminhar por esse caminho. Os mais velhos e os mais novos, todos caminhando juntos (Xeramõi Antonio Carvalho - *Vera Kuary* - Tekoa Mboapy Pindo, Aracruz/ ES, p. 54).

Como se sustenta o saber milenar desse povo? A memória viva e internalizada, passando de geração em geração, o respeito e cuidado com a fala e com os mais velhos, detentores da sabedoria. A ecologia de saberes manifestos na oralidade ancestral indígena é a potência além de morada da resistência desse povo que, no seu modo de viver, consegue articular esses saberes com os dos *jurua*, compondo historicamente, como já vimos, uma maneira própria de resistir.

Bem sabemos que as tensões são constantes, e os embates com a sociedade envolvente geram profundas marcas nas subjetividades desse povo, que se encontra constantemente na luta para defender e salvaguardar as formas de viver que garantem sua sustentação.

As ocupações ancestrais Guarani, registradas pela arqueologia nos ajudam a fazer o espelho, e observar algumas mudanças nas composições e ao mesmo tempo perceber como que se engendram no tempo e no espaço e conseguem reinventar

sua tradição, mesmo com todas as dificuldades historicamente enfrentadas de tentativas constantes de supressão de suas existências, ao sofrerem os ataques que incidem diretamente ao que garante a continuidade de seu *reko*. A vida insiste em vingar.

Registros e modelos de Noelli (1993) construídos a partir de estudos etnoarqueológicos que buscaram realizar a interpretação do padrão de implantação dos sítios guarani pré-coloniais classificam os domínios territoriais a partir de laços de parentesco e demonstram níveis espaciais de organização: *guará*, *tekohá* e *teii*.

O que é classificado como *guará* seriam as unidades socioeconômicas aliadas – os *tekohas*, onde coexistiam multilinhagens ordenadas por laços de parentesco e reciprocidade, sendo formados por *teii* isolados ou agrupados, em função das condições locais e políticas.

O *teii* corresponde à parcialidade ou família extensa, sendo designada de *teii oga* a casa onde vivia a linhagem e de *amundá* o local da aldeia ou sede do *tekohá*. Uma *teii oga* poderia abrigar até 60 famílias nucleares, podendo as aldeias grandes possuir até 6 *teii oga*, sendo habitadas por, aproximadamente, 2000 pessoas. Estima-se que, em função de alianças, um *Guará* de grande porte poderia conjugar em torno de 40 *tekohás*, sendo sua população total superior a 80.000 habitantes.

O que esses estudos mostram é que *Guará* eram áreas bem delimitadas, por rios e arroios, organizadas de forma comunal, o espaço onde aconteciam as relações econômicas e sociais, político-religiosas essenciais para viabilizar a vida Guarani “sem *tekohá* não há *tekó*, pois *tekohá* é o lugar que possibilita a subsistência e modo de vida Guarani” (NOELLI, 1993, p. 250).

O *tekohá* comporta um jogo entre três espaços distintos: a aldeia (*amundá*), as *roças* (*cog*) e a vegetação circundante (*caa*). As *roças* (*cog*) iniciam-se fora do perímetro da aldeia, localizando-se a diferentes distâncias, de acordo com a sua antiguidade. Além das *roças*, inicia-se o espaço das matas (*caa*), no qual se situam as áreas de pesca, coleta e caça e as jazidas litológicas e de argila. Nestas também estão outras áreas de manejo que podem refletir antigas ocupações ou a preparação para futuros assentamentos, levando a crer que o raio de ação do ambiente humanizado estendia-se por muitos quilômetros a partir da sede do *tekohá* (NOELLI, 1993, p. 266).

Ao nos transportarmos para a realidade dessa organização, essa vida coletiva e toda complexidade das relações, os momentos de celebração, de conflito, as brincadeiras, os banhos de rio, o trabalho na *roça*, no tecer, nas coletas. No fazer, muito

saber! Como era a vida de todo esse povo reunido, de alguma forma podemos até sentir o vento e cheiro da mata nos transpondo para essa realidade ancestral e habitá-la por alguns instantes, modos de existir nesse lugar no tempo-espaço.

Olhando pela janela os prédios e as luzes da cidade, o assombro ao pensar na velocidade do tempo e das transformações, realmente são alguns séculos que ao mesmo tempo que parece muito, soam de alguma forma como um lampejo, há 100 anos, 200 anos, como estávamos? As cidades como são nesse instante há poucas gerações para trás nem imaginavam ser o que se tornaram.

A gente vive reclamando, mas essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada e com aviso “Depois de abrir, não tem troca”. [...]Um monte de gente decepcionada, pensando”. Mas é esse mundo que deixaram pra gente?” Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar para as futuras gerações? (KRENAK, 2019, p.68).

Caminhar nessa visão da resistência/re-existência e perceber as estratégias custosas encontradas pelo povo Guarani não é tarefa fácil. Primeiro, porque envolve olhar para toda a dureza e crueldade desse processo de contato, e a indignação é um sentimento que por algum tempo podemos fazer morada. Segundo, porque é complexo o processo de nos transpor para o entendimento de mundo e imaginar essa consciência a partir dos Guarani, tarefa que é o que aqui estamos nos propondo e temos a urgência de fazer: por um mundo que caibam outros mundos.

Sem *tekoha*, não há *teko*. Hoje a principal infração sob o modo de vida Guarani é o que muitas vezes eles chamam de “enclausuramento”, em áreas demarcadas. Essa lógica de que a cerca é uma fronteira que não pode ser ultrapassada, é um impacto sobre a própria forma de conceber a existência, a sua cosmovisão e a cosmogênese, como vimos anteriormente.

Além disso essa demarcação é muitas vezes problemática, um exemplo é o caso da Terra Indígena Jaraguá, que em 1987 foi reconhecida com uma porção inexpressiva de 1,7 hectare, sendo conhecida naquele momento como a menor Terra Indígena demarcada. Essa situação comumente observada nos processos que envolvem as Terras indígenas é um grande desafio em relação à salvaguarda de suas existências.

Durante o II Seminário de Etnologia Guarani em sua fala *xejaryi* Catarina Delfina dos Santos diz: “É com o canto que há a comunicação com as divindades, não tem como fazer ritual sem a terra, em conflito com os fazendeiros. Sem a terra

boa os espíritos guardiões vão embora”. O modo de vida é inviabilizado, é onde acontece os epistemicídios, a identidade construída através dos costumes é inviabilizada e com isso o saber não acontece.

Mas a vida dos Guarani insiste em vingar, o sentido que compartilham a partir das concepções de mundo que esse povo carrega dão a própria sustentação para resistir e a vida continuar.

Figura 12 – Tekoha Pakurity



Fonte: Documentário Martírio, 2016.

Figura 13 – Tekoha Pakurity



Fonte: Documentário Martírio, 2016.

Essas imagens foram retiradas do documentário *Martírio* (2016), mostram o tekoha Pakurity, acampamento de beira de estrada na periferia de Grande Dourados, liderado por Bonifácio, que enfrenta a fazenda de um ex-tropeiro da companhia Matte Laranjeira. A plantação de Bonifácio é o próprio cenário da resistência: a banana e a mandioca dos Guarani contra a soja e o veneno do agronegócio. A insurgência guarani nesse cenário é obstinada, tem muito a nos ensinar sobre os sentidos de viver e a busca de afirmar *teko porã*.

Os mais velhos falam que Nhanderu fez o vento, as estrelas, o céu, a terra e fez *Yvy Poty* (flores da terra), nós Guarani, para admirar a criação. Nós, Guarani somos a semente da resistência, somos a continuidade da vida (Anastácio Peralta, Guarani e Kaiowá, durante II Seminário Internacional de Etnologia Guarani, 2019).

As flores da terra, sementes da resistência são também aqueles que possuem o dom da palavra entre os Guarani, os seus rezadores e rezadeiras, os mais velhos que dentro da *Opy* fazem com que o fluido vital da palavra com plenitude manifeste a sabedoria que vem da conexão com os antepassados, trazendo a seiva da vida presente em suas raízes, reconectando o aqui agora com o que veio antes.

“Enquanto tiver um Guarani vivo, ele estará na casa de reza, pedindo para que a vida continue”¹⁴, é com esse sentido potente de zelar para que a vida possa continuar que os Guarani sustentam sua existência. A casa de reza é o território sagrado, lugar onde o Guarani vai buscar sua força, a orientação dos mais velhos. É na *Opy* que acontecem as curas do corpo e do espírito.

Terra capaz de concentrar as atenções dos deuses, que olham para as almas reunidas. Ou seja, a *opy*, que costuma ser também referida como *amba*, corresponderia a um espaço de reunião, na Terra, das almas-palavras enviadas por *Nhanderu* (PISSOLATO, 2007, p. 381).

É na *Opy* que se tem o ambiente próprio para que o *xeramoi* e a *xejariy* (homem e mulher mais velhos, pajés, avôs e avós) dialoguem com as divindades e com os bons espíritos em busca de orientação, através da palavra narrada e cantada. A sabedoria inspirada nesse lugar é transmitida, recarregando as subjetividades presentes de valores que vem para guiar o modo de vida.

¹⁴ Davi Karaí Popygua fala durante palestra no Sesc Sorocaba 2019.

Figura 14 – Rezador Kaiowáa em fazenda retomada



Fonte: Tekoha Tey'ikue, Mato Grosso do Sul, 2013. Paulo Siqueira.

A *Opy* fica no centro do *tekoha*, marcando que todas as relações que acontecem no lugar onde se é Guarani, estão conectadas diretamente com essa fonte de saber. É na *Opy* que podem aprender o *nhandereko* e chegar a ser Guarani *ete'ĩ* (Guarani verdadeiro), é o fundamento, o pilar que guia todo povo Guarani ao seu *teko porã*, a ser como Nhanderu manda ser.

Através dos sonhos, as lideranças têm a revelação de construir a casa de reza, e é um grande acontecimento: para os Guarani, significa que os laços com os ancestrais estão sendo fortalecidos (BENITES, 2014), o que pode garantir a continuidade e a força necessária para enfrentar os desafios de ser Guarani nos tempos de hoje.

Figura 15 – Crianças brincando na construção de uma casa de reza Mbya



Fonte: Tekoha Guyrapaju, Tenondé Porã, São Paulo, 2015. Luiza Mandetta Calagian

3.3 Diálogo intercultural: A construção do território etnoeducacional para os Guarani

O termo “educação” para nós, Kaiowá e Guarani, é denominado *ñembo’e*, que podemos traduzir como: “*ñe*” - nós, como autoafirmação, “*mbo*”, como a ponta do corpo que mostra a direção, e “*e*” é a redução do termo “*ñe’ẽ*” (linguagem, palavra, alma). Assim, *ñembo’e* é a “construção do próprio caminho a partir das possibilidades dadas pelo contexto, através da palavra”. Ela também é sinônimo de canto, porque o canto - *porahéi* (ou *mborahéi*) - possibilita o autoconhecimento a partir da conexão contínua com a espiritualidade. Para nós, o mundo espiritual é a fonte da sabedoria, o *arandu* (BENITES, 2014, p. 69).

Dentro da perspectiva da educação tradicional dos Guarani, as crianças são como pássaros que vêm do mundo espiritual e repousam no seio da família (BENITES, 2014). São seres que vêm para passar pelo processo de territorialização, sentir a Terra. A educação tradicional, portanto, tem uma carga espiritual intrínseca, forjando junto à subjetividade do sujeito em processo de individuação a ética que guia seu *teko* (modo de ser). A família é “fogo familiar – *che ypyky kuéra*” (BENITES, 2014) é o alimento manifesto através dos valores, do jeito de ser e de todo modo de viver,

apresentado para os pássaros que chegam, a postura perante a vida que virá a garantir coletividade, cooperação e espiritualidade voltadas para construção do encantamento do belo viver (*teko porã*), horizonte ético que guia o povo Guarani.

No *tekoha*, o lugar onde se é, para os Guarani é onde devem ser manifestos os saberes cultivados na família e na comunidade. É no movimento vivo do cotidiano que o saber enquanto acontecimento vai desenhando o vir a ser do Guarani.

A identidade também produz o território, um depende do outro, numa ligação baseada na espiritualidade. A educação tradicional é uma educação espiritual, que constitui o sujeito kaiowá e guarani, que o conecta ao mundo físico e espiritual (BENITES, 2014, p.69).

A dimensão que a educação tem para os Guarani é espiritual: trata-se da constituição integral do indivíduo enquanto ser vivente no mundo. Ao afirmarem que educação é *ñembo'e*, revelam que a formação do sujeito é para sua emancipação, e demonstram mais uma vez a importância do cuidar das palavras nesse processo, além de demarcarem a conexão com o lugar, com seu território existencial, lugar onde se é, tecendo o caminho de liberdade.

As marcas violentas do pensamento colonial estão impressas desde a chegada dos *Juruá*, e na escolarização indígena não é diferente. A imposição cultural etnocêntrica com o sentido de “eliminar o outro” através da “assimilação” produziu, nos séculos passados, rupturas na educação tradicional, sendo o espaço da escola uma ferramenta construída para criar bases do pensamento colonial e promover essas fissuras dentro do modo de vida das populações indígenas.

[...] com o objetivo inicial de facilitar a conversão e catequização das novas gerações, o que estava em consonância com o projeto colonial de integrar o índio como mão de obra na sociedade nacional, a partir da base curricular elaborada pelos jesuítas, dentro de conceitos pedagógicos e curriculares da Idade Média [...] (BENITES, 2014, p. 70).

Esse modelo tecnocrático, mecanicista e compartimentalizado vai à contramão da cosmovisão proposta na educação tradicional guarani. O que provoca a construção de um abismo entre essas lógicas, colocando o modo de ser indígena no lugar de subalterno, do selvagem que precisa ser civilizado. “A perda de uma auto referência genuína não foi apenas uma perda gnoseológica, foi também, e, sobretudo,

uma perda ontológica: saberes inferiores próprios de seres inferiores (SANTOS, 2009, p. 11)”.

Ao pensarmos junto aos Guarani, em relação a esse lugar, chegamos aos caminhos da resistência, que também se manifestam ao pensarmos na educação escolar indígena. A necessidade de construir o próprio caminho dentro do contexto colocado pelo colonizador, leva à busca pela hibridização, para que a multiculturalidade se converta em interculturalidade (BENITES, 2014).

Fortalecer o espírito tradicional, enxergar a importância da terra, da natureza, da língua, dos cantos, a nossa verdadeira maneira de ser “*Nande Reko Tee*”, são alguns objetivos maiores que estamos sempre buscando através da nossa caminhada como comunidade desta aldeia. Esta caminhada exige coletividade, paciência, diálogo, respeito e ouvir os mais velhos. Estes são modos de ser que também garantiram a nossa resistência até hoje. (Texto escrito por um professor indígena no Fórum em 2011, BENITES, 2014, p. 71).

Manutenção no tempo da tradição, compreendendo a dinâmica do mundo, apropriando - se das ferramentas utilizadas pelo Estado. É onde encontramos a importância da educação escolar indígena, na ampliação das conquistas dos direitos constitucionais e originários, no reconhecimento da diferença, a fim de sair da condição de subalternidade imposta pelos contextos políticos e sociais da sociedade envolvente (BENITES, 2014).

Na América, vemos a emergência política das questões indígenas no sentido de legitimar e oficializar direitos, e com isso o movimento crescente de lideranças que buscam se inserir e conhecer as engrenagens estatais por dentro (BERGAMASCHI, 2005), na tentativa de afirmar ativamente os anseios desses povos originários, sem esperar do poder tutelar e das políticas protecionistas. “O conjunto de aparatos legais torna-se, desse modo, ferramenta de luta no sentido de afirmar a existência de direitos conquistados” (BERGAMASCHI, 2005, p. 154).

No ano de 2009, o governo federal editou o Decreto nº 6.861, criando uma nova situação política e jurídica na história da educação escolar indígena no Brasil: os Territórios Etnoeducacionais – TEEs. Com uma proposta original, no que diz respeito ao reconhecimento das identidades étnicas dos povos indígenas, e a possibilidade de uma gestão mais autônoma de seus processos escolares, ao aliar a questão educacional à territorial, essa política inaugura um novo momento no processo histórico de protagonismo escolar indígena (BERGAMASCHI, 2005, p. 159).

A conquista desse espaço para articulação de políticas públicas voltadas para pensar a educação escolar indígena representou um avanço no que tange às medidas estatais perante a garantia de direitos aos povos originários. As lutas em relação a essa pauta vêm se dando no sentido de garantir o cumprimento das prerrogativas deste decreto, que dentre outras questões prevê “um movimento de organização da educação escolar indígena em consonância com a territorialidade de seus povos” (BERGAMASCHI, 2005, p.159), não dependendo das divisões políticas dos Estados e municípios envolventes.

Cada território etnoeducacional compreenderá independentemente da divisão político-administrativa do País, as terras indígenas, mesmo que descontínuas, ocupadas por povos indígenas que mantêm relações intersocietárias caracterizadas por raízes sociais e históricas, relações políticas e econômicas, filiações linguísticas, valores e práticas culturais compartilhados (Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009).

Essa medida vem buscando contemplar as idiosincrasias de cada povo, bem como a sua auto-organização local e os processos de articulação desses povos, a fim de superar as divisões territoriais. O que promove, por conseguinte, uma autonomia na construção dos currículos, buscando abarcar as múltiplas cosmovisões, costumes e modos de vida. Ampliando a capacidade de articulação, isso reflete na ampliação do diálogo intercultural, enriquecendo os debates e fortalecendo a luta desses povos, e também no que se refere aos Guarani, povo sem fronteiras.

Queremos produzir currículos na perspectiva da constituição de significados e valores culturais, a partir de diálogos entre os saberes, na vivência da interculturalidade, promovendo uma nova trajetória, um novo espaço, uma nova identidade capaz de ter uma postura com uma nova epistemologia na construção de uma nova realidade, reconstituindo as lógicas e os sistemas tradicionais kaiowá e guarani e os conhecimentos ocidentais como ferramentas neste processo, que contribuem para a emergência de outros saberes e da possibilidade do diálogo intercultural (BENITES, 2014, p. 75).

No pensamento da razão indolente da ciência moderna, o projeto é de homogeneizar o mundo, a universalidade do saber (SANTOS, 2009), produzir sujeitos com visão linear, mecanicista e objetivista. Ao entrar em contato com a visão de professores indígenas e ouvir os Guarani em relação à visão de mundo, e à consciência que se reflete na sua cosmologia, estamos em prol de alcançar novos patamares de existência, e o caminho possível é o diálogo verdadeiro e amoroso

intercultural. “A retomada da cosmologia tradicional a partir de suas lógicas reconstituindo a espiritualidade no contexto da educação escolar indígena” (BENITES, 2014).

Despertar corações e mentes para sensibilidades de perceber outras lógicas, produzir dobras existenciais de outros mundos possíveis (ROLNIK, 1997): assim os Guarani estão nos convidando para o voo e com o olhar altivo ao horizonte, afirmando no caminho a liberdade. Fonte abundante de sabedoria reconhecida nesse lugar do aprender do Guarani, o que nós educadores podemos aprender com isso? De que maneira podemos nos inspirar nessa visão alcançada por esse povo e assim transformar nossa relação com a educação.

O que podemos destacar aqui, com certeza, é que o caminho de ensinar e aprender é para liberdade, para emancipar a alma humana e criar sentido para onde seguir. O que os Guarani estão nos convidando é para ver que o papel do educador é de mostrar o caminho para manifestar a liberdade de ser, através da palavra – ação, transformar o mundo com autonomia, porém, com uma guiança conectada com a própria consciência de ente que habita um organismo vivo, a Terra.

Quando nos propomos a pensar o currículo, o que notamos é que é identidade, território “[...] é a relação de poder [...] trajetória, viagem, percursos, nossa vida, nele se forja a nossa identidade” (SILVA, 2007 apud BENITES, 2014, p. 75). De fato, o que sabemos é que o fim do colonialismo político, não significa o fim das relações sociais permeadas pela colonialidade de poder e saber gerados por esse processo, produzindo relações desiguais (tanto entre Estados quanto entre classes).

Os discursos que emergem no sentido da descolonização do pensamento (SANTOS, 2000) vêm no sentido de buscar superar essas marcas impressas nas subjetividades do mundo, que permeiam e sustentam não só os modos de pensar, mas o de ser no mundo. O que vemos aqui, são propostas de territórios etnoeducacionais e os currículos das escolas indígenas como espaços potentes para descolonização do pensamento, é um passo para romper as amarras do silenciamento desses saberes e promover o voo desses paradigmas a fim de que possamos reconhecer e poder quiçá tentar alcançar essa altura de pensamento que os povos originários têm para nos ensinar.

O desejo dos Kaiowá e Guarani pela escola refere-se à possibilidade de um espaço onde possamos iniciar nosso exercício da autonomia, buscando caminhos para reafirmar e fortalecer os valores tradicionais,

em diálogo com outros saberes [...] A educação escolar indígena, protagonizada pelos professores kaiowá e guarani, é vista como espaço em constante construção e experimentação do processo próprio de ensino e aprendizagem. Trata-se de um espaço no qual podemos encontrar o “outro”, a partir da nossa própria lógica e, ao mesmo tempo, como ferramenta a favor da nossa luta política frente à opressão da sociedade nacional, num esforço pela sobrevivência física e cultural (BENITES, 2014, p. 74).

4 Considerações finais

A vida é relação, sujeito e meio se implicam mutuamente. Junto aos guaranis vamos nos inspirando a perceber que o movimento do vivo é o caminho que se faz, é adotar o devir das coisas, das forças e vetores que se somam na constituição dos processos da elaboração da teia da vida. O que é vivo se encontra como sistema aberto, potencialmente disponível para re-elaboração, re-configuração e re-criação. As sementes da resistência.

Vemos claramente que os paradigmas tradicionais da ciência moderna vêm privilegiando uma formalização da realidade e um engessamento do pensamento, configurando domínios estáticos, sistemas fechados. Em níveis de observação da realidade essa visão não dá conta de captar o movimento da vida, as flutuações e instabilidades próprias da condição de existência do vivo (PELLANDA, 2009). Somado a isso, o pensamento colonial que realiza a manutenção de uma lógica que vai contra a vida e está imbricada nas subjetividades, nos mostra que, a criação de práticas de descolonização do inconsciente se constitui como uma tarefa urgente, inadiável.

A esfera micropolítica é um território de disputa e de fragilidade, encontra-se na tensão entre as experiências subjetivas, seu mundo e o campo de valores, as experiências que estão fora do sujeito. O meio perturba e desencadeia mudanças na estrutura do vivo, as respostas a partir desse momento são o que determina os contornos da realidade que nos cerca. O que o olhar repousado junto aos guaranis vem nos indicar é a possibilidade de estabelecer uma micropolítica ativa como uma possibilidade de rota de fuga, caminhar no sentido de afirmar a vida - *Guata porã* (belo caminhar). Uma micropolítica ativa que vem afirmar a vida em sua potência criadora, condição para sua preservação. Promover Teko porã, afeto de alegria. Própria de uma vida nobre, vida singular.

A gnosiologia presente no tripé *Nhanderu - Tekoha - Opy*, vem nos indicar elementos constitutivos da dimensão existencial do Ser Guarani. Ao constelar a cosmovisão guarani podemos perceber que esse tripé sustenta e orienta a vida desse povo. *Nhanderu* como elemento sagrado, de conexão com o transcendente; *Tekoha* o concreto, o manifesto, o lugar onde a sabedoria aprendida de *Nhanderu* se prova, e na *Opy* o espaço onde essa comunhão se dá.

A indicação desse tripé no sentido de afirmar *Teko Porã* (belo viver), orientando a bússola ética no sentido de afirmar a vida, de fazer vingar as boas palavras e aquilo que dará sustentação para que a vida continue, de maneira digna e bela, acreditamos ser uma fonte abundante de saber por onde iniciarmos o movimento de sentir o tempo e a Terra e atender a esse chamado de descolonizar as estruturas que sustentam esse mundo que caminha para o abismo. A pergunta aqui é: Como esses saberes do povo Guarani podem nos auxiliar a transformar a educação e conseqüentemente o pensamento contemporâneo?

A lógica simplificadora em crise da filosofia e ciências do ocidente já não dá conta de explicar, o mundo exige outra abordagem em que círculos e espirais se sobrepõem de forma crescente. Como nos diz Krenak (2019) “vivemos um tempo de sobreposição de mundos, e quando colidirem cada um pagará a sua conta”.

Realocarmos o nosso pensamento resgatando a nossa consciência junto aos nossos ancestrais, povos originários, é uma necessidade vital. A visão da realidade no sentido da transformação civilizatória exige a criação de um tecido próprio que aglutine a identidade, organização social, política, ecológica e cosmológica no sentido de afirmar a vida. Como nos traz Rolnik (2019), “a criação de práticas de descolonização do inconsciente se constitui como uma tarefa inadiável”, por essa motivação repensarmos nossas práticas e posição enquanto educadores é fundamental quando falamos de reafirmar utopias e eclipsarmos um vir a ser outro, que esteja alinhado com uma micropolítica ativa. Os dispositivos de resistência sustentados por séculos e manifestos no modo de vida desse povo tem muito a nos ensinar.

A necessidade imanente de esperançar, de sonhar com a emancipação, de ampliar os espaços para que o pensamento voe e impedir que as verdades se solidifiquem é um compromisso com a liberdade, essa tarefa e atitude em mãos é que enquanto educadores aprendizes da vida devemos carregar.

Ao habitar territórios existenciais, ampliar os espaços de nossas tendas, estarmos prontos para desconstruir e reconstruir a cada novo movimento que se apresente, projetar os lugares ao horizonte que almejamos alcançar e sem medo nos lançar nesse voo. Sonhar com terras livres é uma linha de fuga que nos assegura que estaremos resistindo, e assim é que seguimos por todas as direções, pensamento nômade habitando as moradas do infinito, constelando o vir a ser do nosso mundo.

Referências bibliográficas

ACOSTA, A. *O Bem Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. (Tradução Tadeu Breda). São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

AFFONSO, A. M. R. *Guata Porã – Belo Caminhar*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2015

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

_____. La consciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p 704-719, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 de Jan. 2019.

ARENDT, H. *A condição humana*. 12 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. (Tradução de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, M. E. *Mundo e sujeito: Aspectos subjetivos da globalização*. São Paulo: Paulus, 2004.

BARROS, M. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

BENITES, E. *OGUATA PYAHU (uma nova caminhada) No processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena TE'YIKUE*. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2014.

BENITES, S. 'ARA RETE'. *Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola*. 2015. 40 p. (TCC em Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

BERGAMASCHI, M. A. *Nhembo'e: enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOFF, L. *A Carta da Terra. Valores e Princípios para um Futuro Sustentável*. Edição do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis, Ministério do Meio Ambiente e Itaipu Binacional. Petrópolis, 2004.

_____. *Saber cuidar Ética do humano - compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRONOWSKI, J. *A escalada do homem*. São Paulo: Martins Fontes e Universidade de Brasília. 1983.

CASTRO, E. V. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify. 2002.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.

_____. *Conexões Ocultas*. São Paulo, Cultrix, 2002.

CLASTRES, P. *A Fala sagrada. mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Campinas: Papirus, 1990.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. (Tradução de Aurélio Guerra Neto). São Paulo: Ed.34, 2011.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.4. (Tradução de Aurélio Guerra Neto). São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*. (Tradução de Luiz B. L. Orlandi). Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Sociedade Cultural, 1976.

FERREIRA, D. Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de reencantar a educação. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. 2 ed. (Tradução de Eric Nepomuceno). Porto Alegre: L&PM, 2002.

GAUDITANO, R. *Guarani Mbya*. São Paulo: Studio RG. 2006.

GRAGLIA, M. A. V; *As novas tecnologias e os mecanismos de impacto no trabalho*. 2018. 330 f. Tese (Doutorado em Tecnologia da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

hooks, B. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. (Tradução Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IBERÊ, D; BAINES, S; M'BARAKÁ -A Palavra que Age.Novas territorialidades e conflitos na Amazônia Indígena: A IIRSA e o Eixo Peru-Brasil-Bolívia. *Revista de estudos e pesquisa sobre as Américas*, v. 12, n. 2, p. 176-201, 2018. Disponível em:<<http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16015/14304>>. Acesso em: 25 de set. 2019.

KASTRUPP, V. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KNAPP, C. *O ensino bilíngue e educação escolar indígena para os guarani e Kaiowá de MS*. 2016. 423 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2016.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LADEIRA, M. I. M. *Espaço geográfico Guarani-MBYA: significado, constituição e uso*. 2001. 235 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos feministas*. Florianópolis, v. 22, n.3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>>. Acesso em 28 de Ago. 2019.

LORDELO, L. R; A crise na Psicologia: Análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, vol. 27 n.4, p. 537-544, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722011000400019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 de Ago. 2019.

MADURO, O. *Mapas para festa: Reflexões Latino americanas sobre a crise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MATURANA, H; VARELA, F. G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995.

MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

MELIÀ, B. Palavras ditas e escutadas. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, 2013.

_____ Mapa Guarani Continental 2016, ISA – Instituto Socioambiental.

MEMÓRIA E SOMBRA, Subcomandante Insurgente Marcos. Coimbra, 2014.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

NOELLI, F. *Sem Tekoha não há Teko (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí, Rio Grande do Sul)*. 1993. 479 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

OLIVEIRA, A. L. C. *Ancestralidade e contemporaneidade: O Jongo como uma experiência de encontro e transformação social*. 2016. 65 f. TCC (Graduação em

Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

PELLANDA, N. M. C. Conversações: Modelo cibernético da constituição do conhecimento/realidade. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1377-1388, 2003.

_____. Uma leitura Bergsoniana da Biologia da Cognição: implicações para educação. *Revista Filosofia Unisinos*. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 188-202, 2009.

PISSOLATO, E. P. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

POPYGUA, T. S. V. T; EKMAN, A. *YVYRUPA: A Terra Uma só*. São Paulo: Hedra (Coleção Mundo Indígena), 2017.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura. *Revista Cultura e Subjetividade: saberes nômades*, p. 25-34, Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>>. Acessado em: 20 de Nov. 2019.

_____. *Pensar a partir do saber-do-corpo. Uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial*. Apresentação realizada na 'Casa do Povo'; em 25/11/2015. <<https://vimeo.com/173642284>> Acessado em 19/02/2019.

SAGUIER, R. B. *Literatura Guaraní del Paraguay*. Caracas: Ayacucho, 1980.

SANTOS, B. S. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

_____. A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.63, p. 237 – 280. Coimbra, 2002.

SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Espaço e sociedade. 1978.

SCHADEN. E. *Aspectos fundamentais da cultura guaraní*. 3ed. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1974.

SOUZA, E. L. L. *Manoel de Barros: A poética do deslimite*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2010.

VALIENTE, C. A. A construção da identidade Guarani no período colonial. *Revista Alamedas*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/15193/12816>>. Acesso em: 10 de Ago. 2019.